Ano XV — Lisboa, Agosto e Setembro de 1959 — N.os 172 e 173

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO DUPLO 3$00

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

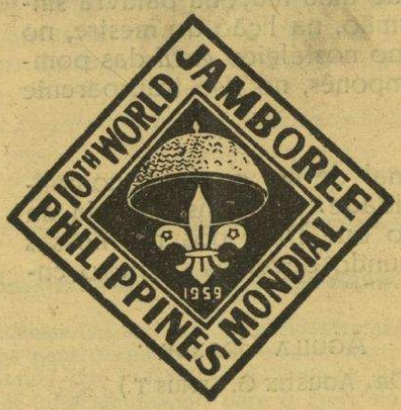
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Construamos a Paz

Há poucos dias ainda encerrou-se nas Filipinas o 10.º Jambori Mundial do Escotismo, o primeiro que se realizou no continente asiático, no qual participaram 12.000 adolescentes, escoteiros, idos de muitos países da Terra, unidos por uma afinidade comum: Um mesmo ideal de Amizade e Boa Vontade, desenvolvendo-se num espírito de generosidade, tolerância e mútua compreensão.

É interessante salientar o alto significado desta grande congregação de gente nova, vivendo uma apoteose de paz e fraternidade num continente em plena evolução, perturbado por rivalidades; antagonismos raciais, políticos e económicos. No entanto, o Escotismo consegue realizar no centro dessa agitada área um expressivo acto de Bom Entendimento, compartilhado por jovens de diferentes formações espirituais, professando opiniões diversas, representando países de políticas e até ambições divergentes. Convém ainda acentuar que tais jovens não abdicam um instante só de seus princípios e amam devotadamente as suas pátrias, o que não impede o respeito pelas pátrias dos seus companheiros e a amizade pelos irmãos que falam línguas diferentes ou possuem estranha coloração da pele.



O Escotismo afirma, assim, de uma maneira objectiva, que os povos podem viver em Paz a despeito de suas divergências, desde que paixões, interesses egoístas, ódios raciais ou políticos, sejam substituídos por um ideal de amizade, por um espírito de generosa compreensão, em que todos aqueles que tenham força, poder ou riqueza se disponham a ajudar os fracos e desprotegidos.

O que tem gerado no Mundo o estado de alerta, o ambiente de desconfiança e os sentimentos de recíproca inimizade são, sobretudo, incontidos interesses, ambições políticas ou de hegemonia económica. Lograremos a Paz quando esses sentimentos negativos foram substituídos pelos ideais que o Escotismo afirma e os Escoteiros prosseguem.

A prova evidente desta afirmação é-nos sugestivamente dada pela profunda sensação de alívio que a humanidade experimentou quando recentemente foi anunciado que os chefes de duas poderosas nações da Terra tinham resolvido encontrar-se e num ambiente de boa vontade estudar problemas que os dividiam e quase provocavam o incêndio do Globo. Se apenas uma miragem de entendimento foi suficiente para causar tão saudável satisfação, que felicidade os povos não alcançariam se, de facto, essa compreensão se afirmasse através de inequívocas provas de boa vontade?

A Paz será firmemente alicerçada se os homens quiserem. Compete a todos nós fomentar o ambiente, que não só torne possível o bom entendimento, mas exija dos governantes atitudes de reconciliação. A paz terá de ser persistentemente construída por cada um de nós. Os Escoteiros vão, sem dúvida, na vanguarda desse urgente movimento de concór-

(Conclui na página 2)

ANTIGOS ESCOTEIROS

Comemoração do Dia do Escoteiro

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal tem prosseguido normalmente a sua actividade, repetindo as suas realizações. Assim, em 23 de Abril passado, no Restaurante Napolitano, efectuou-se um jantar comemorativo do Dia do Escoteiro, que foi presidido pelo sr. Comodoro Duarte Silva, Escoteiro-Chefe-Geral, ladeado pelos srs. Albano da Silva, Rev. Eduardo Moreira, Quintino Pinheiro, Prof. Aníbal Ramos, e outros. Encontrava-se presente um bom número de antigos escoteiros, muitos acompanhados de suas Esposas.

Aos brindes falou o vice-presidente da direcção da Fraternal, sr. Quintino Pinheiro, que leu expediente, falou sobre a acção da Fraternal e reportou-se ao simbolismo da lenda de S. Jorge.

O sr. Professor Aníbal Ramos falou da admirável influência que os Antigos Escoteiros exercem na sociedade portuguesa aonde levam os seus ideais de amizade e tolerância e disse ser de desejar que mais antigos escoteiros se viessem reunir nas fileiras da Fraternal, que estavam mesmo abertas para receber os antigos escoteiros do Corpo Nacional de Escutas, que, embora pertencendo a outra associação, têm os mesmos ideais.

O sr. Arnaldo Brito referiu-se com muito entusiasmo à excursão ao Algarve. O rev. Eduardo Moreira referindo-se a S. Jorge, figura que se comemorava naquele dia, disse que Jorge significava "Filho da Terra" ou do Mundo. Que Mundo era o contrário de imundo, portanto significava puro. E que o ideal de pureza era o objectivo do Escotismo e, portanto, dos Antigos Escoteiros, fazendo a este propósito considerações muito interessantes acerca das finalidades do Movimento.

Terminou o presidente da mesa, sr. Comodoro Duarte Silva, que agradeceu as saudações que lhe foram endereçadas e ele e ao sr. presidente dos Escoteiros de Portugal, Comandante Henrique Tenreiro, que ele ali representava, afirmou estar encantado com o ambiente de fraternidade que reinara naquela refeição.

Antes de terminar foi aprovado um voto de saudação ao sr. dr. Tovar de Lemos, presidente da Direcção da Fraternal, a quem todos desejaram melhoras do seu estado de saúde.

Excursão a Vila Viçosa, Estremoz e Évora

Em 5 de Julho passado, a Fraternal realizou uma excursão a estas localidades, que decorreu com o melhor êxito. Em Vila Vi-

(Conclui na página 2)

Sabes tu o que é A PAZ?

A PAZ não é gozar em íntimo egoísmo os dons recebidos; não é saborear sòzinho os bens materiais, não é viver para si esquecendo os outros.

A PAZ não é comer na mesa própria o pão abundante nem derramar o espumoso vinho; não é cobrir as misérias espirituais com pesados mantos sobre a carne magra; não é disfrutar de uma chaminé com um fogo generoso e fechar as portas ao ruído da rua.

A PAZ não é o riso satisfeito, nem o sono ininterrompido; não é o retirar-se para o bosque ou para a montanha para viver esquecido de todos e esquecendo tudo.

Saberás o que é **A PAZ** quando a tua felicidade seja o reflexo da felicidade alheia; quando a tua pena seja parte da pena dos outros; quando prolongues a tua vida num amor sincero e sejas leal ao amigo e ao inimigo, quando frutifiques com a árvore, quando te instruas com o livro, quando te renoves como o menino, quando sintas a tua vida como parte da vida que anima todas as criaturas, quando sintas a tua alma como parte da alma gigantesca e enigmática do universo.

Encontrarás **A PAZ** onde quer que exista a simplicidade; na intimidade das almas, no azul dos céus, no verde brilhante dos campos, no mirar tranquilo de uns olhos claros.

Encontrarás **A PAZ** aí, onde existe um manancial, onde cante um pintassilgo, onde se abra uma flor, onde se aninhe um anseio.

A PAZ vibra no arrulho de uma mãe, na palavra sincera de um amigo, na voz do irmão, na lição do mestre, no monótomo zumbido das abelhas, no nostálgico *cucú* das pombas, no canto vespertino do camponês, no riso transparente de um menino.

Porque **A PAZ** não é o final de um processo complicado, mas o princípio da simplicidade. É a consequência da Boa Vontade. É o dom precioso que Deus pôs nas nossas almas. Para encontrar a paz do mundo devemos primeiro encontrar a paz das nossas almas.

AGUILA GRANDE
(DR. AGUSTIN G. LEMUS T.)

Da «Revista Scout de las Americas»

Construamos a Paz

(Conclusão da página 1)

dia. É, porém, imperioso que tal espírito se difunda, transborde para outros campos, ganhe continuamente novos adeptos. Igrejas, movimentos de juventude, rotários, sociedades filantrópicas, Cruz Vermelha, todos são poucos para esta grandiosa tarefa. Cada um de nós pode fazer muito neste campo dando o seu apoio a todos os actos a favor da Paz, negando terminantemente a adesão a tudo quanto possa dividir, separar, levantar barreiras entre os homens e os povos, gerar incompreensões ou fomentar ódios.

A humanidade carece de Amor e de Tolerância. Todos os movimentos ou atitudes que não forem inspirados por generosidade e boa vontade devem ser abafados pela indiferença de todos nós. Se assim fizermos, estaremos, então, construindo a Paz e o entendimento brotará natural através de relações amistosas entre os homens.

ANTIGOS ESCOTEIROS

(Conclusão da página 1)

çosa foi visitado o palácio ducal, tendo os excursionistas sido acolhidos com muita simpatia por um representante da Casa de Bragança, que dirigiu a visita, juntamente com o companheiro sr. Luís Simões Aurélio.

O almoço foi servido em Évora, cidade cujos monumentos foram visitados durante a tarde. Os excursionistas regressaram a Lisboa cerca da meia noite.

Almoços do dia 23 de cada mês

Os almoços do dia 23 de cada mês têm sido regularmente realizados comparecendo sempre antigos escoteiros, muitos pela primeira vez. Como o dia 23 do mês de Agosto corrente cairá a um Domingo, o almoço não será realizado na Rua de S. Paulo, n.º 170, como de costume, mas sim na bela vila de Sintra, esperando-se que por este motivo teremos o prazer de encontrar não só antigos escoteiros mas também pessoas de suas famílias, especialmente aqueles que não têm possibilidade de comparecer nas refeições do dia de semana. Portanto, no dia 23, os antigos escoteiros, que quiserem tomar parte neste encontro, deverão comparecer às 12 horas junto ao Palácio Nacional de Sintra, que será visitado pelos presentes. O almoço realizar-se-á na Pensão Regional, sita no Largo da Câmara, às 13 horas, podendo constar do almoço da casa ou serviço à lista.

Interessava saber o número de pessoas que tomarão parte neste almoço, pelo que agradecemos uma inscrição telefónica para 28163 (durante o dia) ou 21353 na sexta-feira das 21 às 24 horas.

Dr. Tovar de Lemos

Tem melhorado o estado de saúde do digno Presidente da Direcção da Fraternal. No entanto, como não lhe é possível ainda deslocar-se à sede, membros dos Corpos Gerentes estiveram em sua casa em 6 de Agosto corrente, tendo-lhe dado conta das actividades empreendidas, que o sr. dr. Tovar de Lemos apreciou com todo o interesse, tendo manifestado o seu parecer sobre outras em curso. Tomaram parte nesta reunião os srs. Quintino Pinheiro e Ernesto Clímaco do Nascimento, vice-presidente e tesoureiro da Direcção; prof. Aníbal Ramos, presidente do Conselho Fiscal; Albano da Silva, delegado da Direcção da A.E.P. e Luís Simões Aurélio.

CASAMENTOS

No Domingo, dia 5 de Julho passado, na igreja paroquial da Ajuda, realizou-se o auspicioso enlace matrimonial do nosso camarada de redacção e caminheiro dedicado do Grupo 94, Mariano Garcia Inácio, com a sr.ª D. Maria de Jesus Rolo. Ao acto assistiu o Corpo Directivo do "Sempre Pronto", que, durante o *copo de água*, que a seguir foi servido, expressou os votos de muitas felicidades aos noivos.

O Escoteiro-Chefe Capitolino Ferreira Macedo apresentou igualmente aos noivos desejos de muitas venturas de todos os escoteiros e caminheiros do Grupo 94.

Na sede do Grupo, numa das noites da mesma semana, realizou-se um chá de despedida e homenagem ao Irmão-Escoteiro, que assumia responsabilidades de família, durante o qual os rapazes expressaram os seus melhores desejos e deram largas à sua alegria.

● No dia 23 de Julho, no lugar de Ordense, perto de Santiago de Compostela realizou-se o enlace matrimonial do nosso correspondente e chefe administrativo do Grupo 10, sr. José de Jesus Ferreira, com a sr.ª D. Josefa Blando Garcia, natural daquele lugar.

Há a salientar o facto dos noivos se terem conhecido a bordo do navio que conduziu aquele nosso amigo à Inglaterra, afim de tomar parte no Jamboree do Jubileu, em 1957.

"Sempre Pronto" formula ardentes votos de muitas felicidades aos noivos.

As "BODAS DE PRATA" do GRUPO N.º 93 dos Escoteiros de Portugal — SINTRA

Prosseguido nas comemorações do 25.º aniversário da sua fundação, este grupo realizou um acampamento nos dias 18 e 19 de Julho passado, no campo de Jogos da Portela, do Sport Clube Sintrense, no qual participaram diversos grupos de Lisboa que propositadamente se deslocaram àquela Vila.

Depois do Escoteiro-Chefe João Henrique Pereira Soares, do Grupo aniversariante, ter declarado aberto o acampamento, houve um fogo de conselho.

No Domingo, o acampamento recebeu a visita do Delegado dos Serviços Centrais, sr. Eng.º Nobre Santos, que aproveitou o ensejo para ter uma breve actividade com os guias e subguias de patrulha.

De manhã realizou-se um desfile dos escoteiros acampados que se dirigiram ao Monumento aos Mortos da Grande Gerra, em cujo sopé o Delegado dos Serviços Centrais colocou um ramo de flores.

Os Escoteiros visitaram também a sede do «93».

* * *

«Sempre Pronto» felicita o Grupo 93 pelo seu 25.º aniversário formulando votos de bons progressos e mais 25 anos de acção intensiva a bem da juventude da formosa Vila de Sintra.

Em 1961 reunir-se-á em Portugal a XVIII Conferência Internacional do Escotismo

Por telegrama de Nova Deli, onde acaba de reunir a XVII Conferência Internacional do Escotismo, tomaram as duas associações escotistas portuguesas conhecimento de que o seu convite para a realização em Portugal da XVIII Conferência, em 1961 fora aceite por unanimidade.

Vão pois a Associação dos Escoteiros de Portugal e o Corpo Nacional de Escutas ter a honra e responsabilidade de organizar aquela reunião do mais alto corpo directivo do Movimento Escotista Mundial, em que estão representados cerca de 70 países do mundo e abrange um efectivo total de 9 milhões de rapazes de todas as nações, raças, classes e credos religiosos. Portugal vai ser, durante uma semana, a sede do maior Movimento juvenil de todos os tempos, criação genial do grande educador que foi Baden-Powell.

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Parabéns — O lar dos dos nossos estimados amigos Sr. Rev. Saul de Sousa e de sua Esposa Sr.ª D. Maria Fernanda J. Rosa de Sousa foi enriquecido nos primeiros dias de Julho passado com o nascimento de uma engraçada menina para a qual desejamos as maiores venturas e bençãos divinas, com cumprimentos de parabéns aos papás.

Visita — Esteve em Lisboa, em viagem de passeio, e deu-nos o grato prazer de sua visita em 10 de Agosto corrente, o nosso dedicado amigo Sr. Joaquim Rocha Saraiva, subchefe do Grupo 44 de Gaia, que se fazia acompanhar de sua Esposa e filho mais novo.

Agradecemos a atenção.

O mais deletério tipo de mentiroso

(...) Entre os vários tipos de mentirosos socialmente nefastos, poderemos apontar por ordem crescente de novicidade: o gabarola, o fanfarrão, a mitómana histérica, o charlatão, o burlão e o hipócrita, considerando este último como o mais deletério tipo de mentiroso existente sobre a terra.

. . . . . .

De charlatães e burlões nem valerá a pena falar, porque proliferam de tal modo nos últimos tempos que dificilmente se encontrará hoje quem não tenha de lidar diàriamente com dezenas deles. Abundam em todas as profissões, em todas as classes, em todas as posições sociais e obrigam-nos a viver em contínua vigilância, pois nunca se sabe qual será a vítima escolhida. Passaremos assim ao mais nefasto de todos os tipos de mentirosos, que é também o mais difícil de caracterizar e de identificar.

É relativamente fácil reconhecer à primeira vista um gabarola, um burlão ou mesmo uma mitómana histérica; mas reconhecer um hipócrita é algo difícil, pelo menos para quem não possua alguma argúcia e um vasto conhecimento dos homens. É que os hipócritas ocultam a sua enorme vaidade com um falso ar de modéstia e escondem as suas desmedidas ambições com uma postiça humildade. A sua linguagem é sempre comedida e cheia de reticências; o seu olhar geralmente baixo, ergue-se para o céu a significar a piedade das suas almas. Mas, no fundo, são impiedosos, secos e nunca mamaram esse leite da bondade humana de que fala Shakespeare.

Os hipócritas desconhecem os escrúpulos e não sabem o que seja dignidade. Para vencer, adulam os que estão por cima; quando atingem as ambicionadas culminâncias esmagam os que ficaram por baixo. Confundem a verdade com a sofística e mentem sem rebuço sempre que a mentira lhes pareça vantajosa para os seus interesses. Procuram sempre justificar os meios execrandos de que se servem com a grandeza dos fins a atingir, mas, com o tempo, verificamos invariàvelmente que os fins em vista são sempre tão repugnantes como os meios utilizados. Por tudo isto, devemos ensinar as crianças a detestar a hipocrisia e os hipócritas com todas as forças de que forem capazes. (...)

ALFREDO BRAZ

De Elogio da Mentira in «Diário de Lisboa». 2-5-959

Primeiros Socorros

Chamamos a atenção dos dirigentes escoteiros para o anúncio que noutro lugar publicamos do PLASTIFOL. Trata-se de material interessantíssimo para o exercício de primeiros socoros, dando um cunho de realidade verdadeiramente sugestivo aos acidentes simulados.

O material pode ser utilizado com vantagem por todas as organizações interessadas na instrução de primeiros socorros.

Interessa-te o teu Jornal?

Escreve ao Director dando as tuas sugestões;

Manda a tua colaboração, notícias do teu grupo, das actividades escoteiras, dos acontecimentos importantes;

Propaga-o entre os teus amigos e obtém novas assinaturas.

Não te interessa o teu Jornal?

Diz mal de todos os escritos, mas nunca escrevas ao Director a dar qualquer sugestão;

Nunca colabores;

Nunca obtenhas uma nova assinatura;

Não o leias.

É bom saber...

A última conquista do campismo: atrelados para «scooters»

Quem tem uma «scooter» pode viajar por toda a parte sem ter que pagar hotéis.

O mais moderno atrelado que se constrói na Grã-Bretanha pode ser rebocado por uma «scooter» e custa Esc. 8.800$00.

Pesa 500 kilos, é todo construído de alumínio reforçado a aço e, embora as suas dimensões sejam muito reduzidas, (comprimento 2,m10; altura 1,m60; largura 1,m45), tem acomodação suficiente para duas pessoas.

Tem uma mesa pregada à parede e dois armários de canto para arrumar roupa de cama e mais artigos de ménage. Tem 3 almofadas de molas, de 1,m30 por 0,m60 de largo, e 0,m15 de espessura, que podem ser usadas em várias posições e que se transformam em cama de casal quando é preciso.

Nos países onde se faz campismo em larga escala, este novo atrelado tem feito um sucesso; na Noruega, por exemplo, uma firma local já fez um contrato com a firma inglesa produtora destes atrelados, adquirindo, assim, a licença necessária para os construir naquele país.



9 — A LUTA DO ULTRAMAR, *pelo Doutor Antero de Seabra. Tomo I. Volume I. Lisboa. s. d. 119 págs. Ilustr.*

Constituído pelas palestras radiofónicas proferidas pelo A. acerca das nossas Províncias Ultramarinas, por artigos que publicou no «Boletim Geral do Ultramar», e ainda por excertos de discursos de personalidades representativas do nosso país, visa a despertar no espírito das gentes portuguesas o interesse pelo Portugal de além-mar, «criando uma mentalidade Ultramarina tão aproximada quanto possível da realidade», tudo acompanhado de ilustrações de aspectos ultramarinos, de pessoas de representação, etc.

Segundo as palavras finais do A., este volume pretende ser o pórtico de uma obra mais vasta em que sejam estudadas aquelas Províncias sob os mais variados aspectos, a fim de «interessar todos, desde o que apenas sabe ler e escrever até ao português mais culto».

É de aplaudir a ideia do A., com que nenhum português pode estar em desacordo, estranhando-se apenas a falta de um índice, absolutamente imprescindível em qualquer obra, mormente numa com a índole daquela a que nos estamos a referir.

10 — MAIS ALÉM. *Provas de 1.ª classe. Edições «Sempre Pronto». Lisboa s. d. 172 págs. Ilustr.*

Somos dos tempos heróicos em que o escoteiro que quisesse conhecer a técnica do Escotismo teria, em português, apenas ao seu dispor o livro fundamental de B.-P. em má tradução; tudo o mais teria de o procurar na então já vasta bibliografia estrangeira, particularmente inglesa e francesa. Isto passava-se nos últimos anos da I Grande Guerra ou nos primeiros da paz que se lhe seguiu, e sendo um mal veio, afinal, a ter repercussões que muito serviram os escoteiros que assim se viram obrigados a aperfeiçoar-se nas línguas em que tais obras foram escritas.

Hoje, felizmente para os nossos filhos e netos, já existe em português apreciável quantidade de livros acerca do Escotismo, que muito poderão contribuir para o revigoramento físico e o aperfeiçoamento moral da nossa pobre mocidade.

Mais Além, que os nossos leitores já conhecem das páginas deste jornal, preenche òptimamente o fim a que se destina — preparar os rapazes para as suas provas de 1.ª classe — tendo sido elaborado por diversos Chefes e especialistas, cada um dos quais tratou monogràficamente uma das alíneas do programa, com clareza, concisão e saber, pelo que os escoteiros lhes devem estar profundamente gratos, e ainda ao Editor pelo esforço que representa tal empreendimento, sabido de antemão como um livro destes nunca pode considerar-se entre nós um *best-seller*.

Pela nossa parte felicitamos vivamente todos quantos conjugaram os seus esforços para dar realidade ao livro, e gratos lhes estamos por, lendo-o, termos retrocedido (em espírito, ai de nós!) bons 40 anos, aos tempos do nosso entusiasmo e das nossas ilusões...

11 — CAMPO DE CONCENTRAÇÃO, *por E. M. Pèrenoël. Edição do Autor. (Lisboa 1959). 75 páginas.*

Se quiséssemos resumir num só adjectivo este livro, diríamos que ele é *saudável*, tomando o termo na sua acepção etimológica de «aquilo que dá saúde», neste caso a saúde moral. Porque é saudável, é *bom*, e porque é bom é *belo*. Portanto, «saudável, bom e belo» constitui o somatório das virtudes desta obra com que o estro sempre jovem do A. brindou os leitores fiéis e os seus fiéis amigos neste meado do ano que corre.

Campo de Concentração pode considerar-se o ideário poético do A. (que modestamente se encobre por detrás dum pseudónimo quase revelador...), ideário de crente, de educador, de pai, de português, consubstanciando as virtudes do homem e os seus anelos por um mundo melhor, diferente deste triste mundo que a maldade e o rancor transformaram em ergástulo em que gemem escravizados muitos milhões de criaturas.

São, de facto, «mil e um versos de dor e de esperança», como escreveu o A. em exergo, dor pelo passado funesto e pelo horrível presente, esperança no futuro, esperança na reforma do Homem, esperança na vitória definitiva do Bem que há-de redimir os pobres humanos do seu martírio milenário, sacrificados à ambição de alguns que, pelo terror e pela violência, têm detido nas mãos um poder que deveriam ter usado em benefício dos seus irmãos.

Espírito tolerante, todo o seu belo livro é hino de louvor à tolerância, não essa tolerância passiva que é apenas desinteresse ou indiferença, mas antes a tolerância activa do que se esforça por compreender para melhor amar.

Em versos harmoniosos, de metro vário, vai o A. desenvolvendo o seu pensamento e revelando o fundo da sua alma, num crescendo de entusiasmo que, por vezes, lembra passos do *Saltério* pela profunda aspiração do infinito que o anima e impulsiona. Quase panteísta no seu amor profundo dos seres, ele ala-se até ao amor divino, reencontrando-se no seu Criador para que tende naturalmente a sua alma de crente. Não abomina o Mundo (ele não conhece o ódio), mas deplora a sua miséria, e, erguendo o seu cântico para os céus, lança os seus trenos de esperança até ao Infinito, a esperança nos superiores destinos do Homem, que não pode decair indefinidamente da sua condição de Primeiro Ser da Criação.

Oh, como é bela a vida
Quando a tornamos querida!

exclama em arroubos de lirismo cândido, misto de mágua pelos que ignoram ou desprezam a bondade, e de alegria pelos reflexos da bondade dos que souberam descobri-la no fundo do seu coração. E é essa bondade que lhe enche a alma que o leva a concluir o seu belo livro com um cântico de esperança em que este triste mundo, que a maldade dos homens tornou horrendo «campo de concentração», se transforme em

Concentração estupenda
De gente renovada,
. . . . . .
Divina oferenda,
Mistério da Graça,
Concentração de amor!

O RATO SÁBIO

N. da R. — Nesta Secção será feita referência a todas as obras de que nos sejam remetidos dois exemplares.

★ ● ★



Adiel Gonçalves Moreno

Faleceu em 8 de Julho passado, em Faro, o escoteiro do Grupo 77, Adiel Gonçalves Moreno. Velaram o corpo do desventurado companheiro, escoteiros daquele Grupo e do Grupo 6 de Olhão, que se deslocaram a esta cidade na companhia do Delegado Regional, sr. João Trigueiros, tendo apresentado condolências à família enlutada e ao Escoteiro-Chefe do Grupo 77.—*C.*

* * *

«Sempre Pronto» apresenta sentidos pêsames à família do irmão-escoteiro falecido, bem como ao chefe e escoteiros do grupo a que o mesmo pertencia.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Irmão-Escoteiro:

O uniforme escoteiro é o mais significativo padrão do nível atingido no Movimento por quem o enverga. Eu sei que o hábito não faz o monge e, portanto, não é a farda que faz o escoteiro. No entanto, ela revela-nos muito do carácter de quem a enverga e podemos afirmar que um escoteiro mal fardado é, sem dúvida, um mau escoteiro. E não pode ser de outra forma, pois é pelo uniforme que o escoteiro se distingue e chama a atenção daqueles que o cercam. Será, portanto, falta de amor ao Escotismo apresentar-se sujo, desabotoado, desalinhado, usando peças que não pertencem ao uniforme, trazendo o chapéu desabado ou caído para a nuca, e os sapatos por engraxar.

Vêm estas minhas palavras ainda a propósito da alegria que senti quando recentemente te encontrei numa das ruas da nossa cidade. O teu fardamento impecável, teu asseio e aprumo era, sem dúvida, a melhor propaganda que podia ser feita do Escotismo. E tive imediatamente a prova de que estava na presença de um Escoteiro quando assisti à forma gentil e atenciosa como atendeste aquela senhora que te pediu a informação.

É por isso que só o Escoteiro deve usar o nosso uniforme. O aspirante só o enverga no dia em que vai fazer a Promessa. É que só o Escoteiro é capaz de honrar o unifotme porque só ele sente a responsabilidade que assume ao vesti-lo.

Podemos afirmar que um Escoteiro bem fardado é quase sempre um bom escoteiro; mas um Escoteiro mal fardado é sempre, mas sempre, um mau Escoteiro.

Continua, pois, a dar o teu bom exemplo de aprumo e merecerás a amizade do

Teu Amigo
LOBO VELHO

A vedação do teu acampamento

O campo da tua patrulha deve ser vedado sempre que esteja estabelecido em local que não seja isolado ou, mesmo, quando acamparem conjuntamente outras patrulhas.

A vedação pode ser feita de várias formas, com canas, ramos inúteis de árvores, arbustos, etc. No entanto, quando se trata de um acampamento de fim de semana não há necessidade de proceder a vedações tão trabalhosas. Basta um simples cordel ou espia passado em volta do acampamento e seguro às árvores ou a balizas feitas com as varas. Nestas vedações há um cuidado muito importante a observar: O cordel ou espia *nunca deve ser colocado a altura que possa apanhar as faces dos escoteiros*, o que poderá dar origem a acidentes graves. O escoteiro ao correr não repara na vedação e esta atinge-lhe o rosto causando um golpe mais

(*Conclui na página 15*)

Passou-se há muitos anos...

HISTÓRIA DUMA CANECA DE ÁGUA

Num passeio pelas proximidades do Castelo do Queijo, nos arredores do Porto, o grupo deteve-se num pinhal para descansar um pouco. A sede, porém, apertava e não havia água perto.

Havia, contudo, uma casa tipo «chalé», que se avistava a pouca distância e onde o E. C. mandou um dos rapazes a saber se ali poderiam dar água, voltando ele daí a pouco com uma caneca de vidro cheia de água fresquinha.

Receando que o rapazito a deixasse cair, o E. C. avançou e disse-lhe:

— Dá-ma cá, porque podes deixá-la cair.

O rapazito assim fez, mas, ou por a ter largado antes de tempo, ou porque o E. C. não fosse bastante ligeiro em pegar nela, o certo é que a caneca caiu e se fez em mil pedaços.

Embaraço geral!

Acontecia, para agravar o facto, que por velho hábito, o E. C. não costumava levar dinheiro consigo quando ia para o campo, para evitar perdê-lo, como já uma vez acontecera. Exposto o caso aos rapazes, concordou-se em fazer uma derrama segundo o que cada um levava, juntando-se 10 escudos destinados a pagar o prejuízo de que o E. C. se sentia culpado. E eram 10 escudos, tudo quanto os rapazes tinham.

Então o E. C. resolveu ir falar com os proprietários da caneca, e, tendo chegado junto da casa, expôs à criada o que se passara, dizendo estar pronto a pagar o prejuízo; porquanto que se informasse junto dos patrões do custo da caneca. Momentos depois voltou ela, dizendo:

— São 10 escudos!...

N. da R. — Mande-nos as suas recordações escoteiras dos «velhos tempos». Há tantos episódios pitorescos, interessantes para recordar!

Insígnias de Aptidão

COZINHEIRO

Insígnia: *Uma grelha*

1) Montar uma cozinha de campo e preparar cinco espécies diferentes de fogueiras, explicando a aplicação e vantagens de cada uma, fazendo funcionar uma delas.
2) Conhecer diferentes qualidades de lenha e o seu valor combustível.
3) Explicar os perigos das águas inquinadas e saber como purificá las.
4) Ter algumas noções do valor nutritivo dos alimentos.
5) Organizar as ementas completas de três dias de acampamento para uma patrulha de oito escoteiros, proporcionando uma nutrição equilibrada. Indicar as quantidades necessárias dos víveres a empregar e fazer o respectivo orçamento.
6) Preparar, de forma a satisfazer o Examinador, os seguintes pratos:
   a — Uma sopa (hortaliça, legumes, etc., excluindo as sopas de cubos).
   b — 3 dos seguintes pratos: cozido à portuguesa, carne assada, guisado ou ensopado, peixe cozido, prato de legumes ou hortaliças, ou outro que o Examinador considere equivalente.
   c — Uma salada: Tomates, agriões, rabanetes ou alface, etc.
   d — Um pequeno almoço: Papas de milho, flocos de aveia ou qualquer outra farinha alimentícia.
   e — Uma infusão: Café, chá ou qualquer outro tisana.
   f — Um doce, bolo ou arroz doce.
7) Saber preparar uma mesa e servir os alimentos suficientemente quentes.

MESTRE COZINHEIRO

(Para maiores de quinze anos)

1) Prestar todas a provas exigidas para «Cozinheiro» com as seguintes alterações:
   a — Construir um forno de campo.
   b — A prova 5) de «Cozinheiro» será ampliada para 8 dias de acampamento, estabelecendo o Examinador um limite razoável para o custo de alimentação diária.
   c — Cozer pão no acampamento, bolo ou bolacha de valor nutritivo equivalente.
   d — Preparar carne ou aves sem fazer uso de tacho, frigideira ou qualquer utensílio de cozinha.

O Escotismo toma o rapaz com todas as suas virtudes e defeitos e transforma-o num homem consciente dos seus deveres e responsabilidades, leal para consigo e para com a Pátria, respeitador e sempre pronto a servir o seu semelhante — afirmou o Antigo Escoteiro Sr. Luís Simões Aurélio na conferência pronunciada durante as comemorações do 25.º Aniversário do Grupo 94

Simões Aurélio, antigo escoteiro que sente o ideal de Baden-Powell, falando com muito entusiasmo e eloquência, começou por dizer que antes de abordar o assunto «Escotismo», tema da sua palestra, necessário se tornava esboçar, ainda que resumidamente, o panorama do século XIX, em que veio ao mundo o Fundador do nosso movimento, e, reportando-se ao último quartel do século XVIII, refere que o desenvolvimento das idéias filosóficas, que nesse período agitaram o pensamento europeu, deu origem a uma nova concepção de dignidade e personalidade humanas, que vem a florescer no século XIX, criando o ambiente propício ao aparecimento de novas instituições e, mais adiante, disse:

«Assiste-se como a um apelo às mais nobres e dignas virtudes do homem. Um sentimento de solidariedade e filantropia domina os mais altos espíritos, há todo um movimento de humanidade, um desprendimento total de cada um em prol do seu semelhante».

O orador refere então a fundação em Inglaterra, em 1844, desse grande movimento que em breve se espalhou por quase todos os países, que foi a criação em Londres da Associação Cristã da Mocidade, que tão largo papel viria a representar mais tarde na expansão mundial do Escotismo e recordou que se o primeiro contingente escoteiro em território português foi fundado em Macau pelo Comandante Álvaro de Melo Machado, na metrópole foi a A.C.M. que introduziu o Escotismo, acentuando que pelo Grupo Um, na sede dessa Associação, passaram algumas das suas figuras mais destacadas.

Seguidamente, e em palavras de comovente evocação, citou Miss Florence Nightingale, jovem inglesa que numa dávida total das suas virtudes de coragem e abnegação cria, em 1815, na guerra da Crimeia, a enfermagem de guerra, suavisando o sofrimento de milhares de soldados feridos.

Reportando-se à fundação da Cruz Vermelha, em 1864, pelo grande benemérito da humanidade, que foi o suíço Henry Dunant, afirmou:

«Se a Henry Dunant devemos o preito de homenagem pela sua humanitária acção, ainda aqui devemos lembrar, e injustiça seria se o não fizéssemos, que sem dúvida Miss Florence de Nightingale foi a sua sublime inspiradora e nela veio Dunant a encontrar uma das suas mais preciosas e dedicadas colaboradoras na formação dessa gigantesca e admirável obra de solidariedade humana que é a Cruz Vermelha».

Prosseguindo com muito brilho na análise dos grandes movimentos filantrópicos do século XIX, lembrou que o Mutualismo, idéia quase tão antiga como o Homem, atinge neste século notável desenvolvimento, recordando que as maiores instituições do género entre nós se criaram justamente em pleno século XIX e, continuando, lembrou a abolição da escravatura e da pena de morte decretadas em Portugal, a fundação das Associações de Bombeiros Voluntários, tendo palavras de merecido apreço para Guilherme Cossoul, que em 1868 funda a primeira corporação de voluntários em Portugal, a exemplo do que então se fazia no estrangeiro.

Recordou o aparecimento do Esperanto em 1887, criação do genial médico polaco Luís Zamenhof, sonhando uma maior aproximação e entendimento entre os homens, e termina a análise do século XIX, afirmando:

«Século dos mais brilhantes da História, caracterizado por fecunda actividade intelectual, espiritual e humanitária, clarão enorme na História da Literatura e do Pensamento, foi nele que nasceu Baden-Powell. É neste século que grandes pedagogos e pensadores começam a debruçar-se sobre o problema da adolescência e a criança começa a ser olhada como o homem de amanhã, reconhecendo-se que quanto melhor for a sua preparação, melhor será o mundo em que mais tarde virá a ocupar o seu lugar. De entre os muitos nomes que a tão magno problema se dedicam, um surge acima de todos pela sua genial concepção, e se cativa do rapaz, Baden-Powell. Assim como no espelho se reflecte a imagem, também no espírito do homem, se reflecte o ambiente da época em que se forma a sua mentalidade; sem dúvida o Fundador é disto um vivo exemplo».

Recordando a seguir a infância de Baden-Powell, a sua entrada na carreira das armas, que tão largo conhecimento lhe viria a dar dos homens; as suas campanhas, as suas viagens e o constante desenvolvimento das suas raras qualidades e espírito de observação, o orador afirmou:

«Como poderia Baden-Powell deixar de sentir os anseios da sua época? Espírito vivo e observador, ele vê no rapaz defeitos e qualidades que a outros passam despercebidos e já por alturas de 1893 nota a falta de preparação militar dos rapazes ingleses o que o leva a publicar em 1898 um método para educação de rapazes a que deu o nome de «Aids to Scouting».

E, continuando a sua brilhante conferência, afirma:

«Por mais antagónico que tal pareça, o Escotismo, movimento de paz e fraternidade entre os jovens de todo o mundo, nasce numa guerra».

Referindo-se então à Guerra Anglo-Boer em 1890/1900 e ao cerco da cidade de Mafeking, em que Baden-Powell utilizando os rapazes teve então oportunidade de apreciar as suas qualidades quando se lhes apela para os sentimentos da honra e da dignidade, o orador diz que, em 1906, já Baden-Powell tinha idealizado o seu sistema educativo cujo esquema compreenderia o desenvolvimento das qualidades de Disciplina, Observação, Resistência física, Patriotismo, Espírito de Cavalaria, Sentimento da Honra, Dedicação pelo próximo, Vida ao ar livre.

Mais adiante diz:

«Um inglês discute sempre, assim Baden-Powell ouve almirantes e outros oficiais do exército e da armada, eminentes pedagogos e todos os que aos pro-

(Conclui na página seguinte)

Conferência do Antigo Escoteiro Sr. Luís Simões Aurélio, nas comemorações do 25.º Aniversário do Grupo 94

(Conclusão da página anterior)

blemas dos jovens dedicam a sua atenção e, depois de largamente debatida a sua idéia, decide-se a pô-la em prática».

O orador referiu-se então ao acampamento da ilha de Brownsea em 1907, composto de 24 rapazes, os primeiros escoteiros do mundo, que acampados durante quinze dias ensaiam o sistema que Baden-Powell concebe e com eles põe em prática. Estava lançada a idéia e, em consequência desse acampamento, que marca uma data histórica no início do movimento, surge em 1908 a publicação do livro «Escotismo para Rapazes».

«O êxito alcançado por esse livro foi enorme, por toda a parte os jovens ingleses formam expontâneamente os seus grupos e cada um deles quer ser o primeiro.

«O sucesso é tão clamoroso que as traduções dessa obra do movimento se multiplicam e, em breve, o sistema que Baden-Powell idealizou para a mocidade inglesa é abraçado pelos mais cultos espíritos e acarinhado pelos governos de quase todo o mundo. Qual o motivo porque existindo outros métodos educativos, o Escotismo alcançou tal culminância? Qual o segredo de tal êxito?»

Desenrolando com muito brilho o seu pensamento, o orador explicou como o Fundador, psicólogo eminente, soube vir ao encontro do espírito de aventura que é peculiar em todos nós, quando rapazes, e diz:

«Há determinadas alturas da nossa vida de adolescentes em que nos sentimos capazes de realizar as maiores façanhas. Nós somos ao mesmo tempo o maior e mais valente guerreiro; simultâneamente sentimo-nos o mais arguto polícia, para, com a maior facilidade, dentro em pouco passarmos à posição de ladrão; automàticamente somos chefe de estação e, de repente, aparecemos transformados em locomotiva; somos caçador audaz e, ao mesmo tempo, também fazemos de leão, com a mais impressionante rapidez passamos a cavaleiro heróico; somos o *cow-boy* do *Far-West* ou o Pele-Vermelha; nós somos tudo quanto o mundo imenso do nosso pensamento infantil possa conceber em sua dilatada fantasia!

«Pois bem: Baden-Powell soube, como ninguém, explicar esta faceta do fértil pensamento do rapaz e idealizou todo um sistema que põe em movimento ordenado e metódico todas as qualidades inatas do jovem. O Escotismo é, pois, um grande jogo, em que o rapaz se vai educando a brincar e, na vida do ar livre, em contacto com a Natureza, se vai robustecendo e simultâneamente aprendendo a ter confiança em si próprio. O Escotismo toma o rapaz com todas as suas virtudes e defeitos e transforma-o num homem consciente dos seus deveres e responsabilidades, leal para consigo próprio e para com a Pátria, respeitador e sempre pronto a servir o seu semelhante».

Um significativo incidente de guerra

Referindo-se à Lei do Escoteiro, narrou o episódio passado com o seu falecido Chefe quando do regresso de uma viagem a África, que ilustra bem o alto conceito que os ingleses têm do Escotismo e da sua Lei.

«Viviam-se as horas trágicas da guerra de 1939/45. «Os barcos portugueses de passageiros da carreira de África tinham paragem obrigatória no porto da base naval inglesa de Freetown, na Serra Leoa, em virtude da apertada fiscalização que, então, a armada inglesa exercia sobre a navegação.

«Regressava à Metrópole o Escoteiro-Chefe Carlos Centeno e chegado a Freetown o barco que o transportava, vem a bordo uma patrulha inglesa que pede ao comandante do navio português para convidar os passageiros que fossem portadores de correspondência em mão, a manifestarem tal correspondência, porquanto a mesma teria de ser submetida à censura inglesa.

«Imediatamente o chefe Centeno que, então, era funcionário superior dum banco, apresenta um grande e volumoso envelope fechado, mas declara ter de acompanhar o referido envelope, porquanto contendo o mesmo valores que vinham à sua responsabilidade não poderia assim abandoná-lo. Há um ligeiro momento de embaraço, em seguida ao qual o oficial comandante da patrulha troca umas breves impressões com os seus subordinados.

«Um certo ar de expectativa envolve os circunstantes, quando, após a sua conversa com os subordinados e depois de um breve momento de reflexão, como que a pesar a sua decisão, o oficial inglês se dirige ao Chefe Centeno e lhe diz:

— «Reparo que o senhor usa na sua botoeira uma Flor de Lis. É Escoteiro?»

«Admirado, o Chefe Centeno que, à paisana, quase sempre trazia na lapela a sua Flor de Lis, responde: — «Sim, sou Escoteiro-Chefe» — e declina a sua identidade.

«Então, olhando bem de frente o Chefe Centeno, o oficial inglês pergunta: — «Dá-me a sua palavra de honra de Escoteiro que, de facto, esse envelope nada transporta que possa interessar aos Serviços Ingleses de Censura? —»

«Com aquela limpidez de olhar que só se espelha no rosto do homem possuído da Verdade e que só Verdade fala, o chefe Centeno, olhos nos olhos do seu interlocutor, responde firme e emocionado:

— «Juro por minha honra e pela minha palavra de Escoteiro que este envelope apenas transporta valores pertencentes ao Banco de que sou funcionário—».

«Um vigoroso aperto de mão esquerda sela esta jura, pois o oficial e mais dois cooperantes da patrulha eram Escoteiros.

«De todos os passageiros em questão, foi o nosso irmão escoteiro o único que ficou de posse do seu envelope.

«Admirável conceito da honra e da palavra dada. Abençoado método que consegue insuflar nos homens tão elevados princípios. Isto é Escotismo.

«*O Escoteiro é verdadeiro, a sua palavra é sagrada*».

«Aqueles escoteiros ingleses poderiam ter sido enganados na sua boa fé. Não o foram, porém, e jamais homens da pátria de Baden-Powell admitiriam que, invocada a Lei do Escoteiro, um seu irmão fáltasse à palavra dada».

• • o • •

DO ALGARVE

Grupo n.º 60 — Vila Real de Santo António

O Grupo n.º 60 realizou nos dias 27 e 28 de Junho passado, mais um acampamento próximo a Monte-Gordo.

As patrulhas trabalharam em primeiros socorros, nós e transmissões, a contar para o Concurso Trimestral, cabendo à Patrulha Poupa a confecção das refeições.

Revestiram-se de muito brilho as comemorações das «Bodas de Prata» do Grupo n.º 94 da A. E. P.

Acampamento de Confraternização

Conforme estava anunciado, realizou-se na Charneca da Caparica o acampamento de confraternização entre antigos e actuais escoteiros do Grupo 94. Foi uma actividade agradável, que permitiu aos novos elementos do Grupo conhecerem alguns dos mais antigos componentes da unidade, bem como de suas famílias, e, sobretudo verificar que o seu agrupamento tem já boas tradições e um escol de «antigos» que recordam o tempo passado nas fileiras e estimam o «94».

Na noite de sábado, realizou-se um animado fogo de conselho, a que assistiram os caseiros da propriedade e povo do local, que apreciaram a comunicativa alegria dos escoteiros.

No Domingo à tarde, houve festa de campo e jogos em que os antigos participaram.

Serviço Religioso de Acção de Graças

Na manhã de Domingo, dia 12 de Julho, efectuou-se na Igreja Evangélica Ajudense um culto de acção de graças pelos 25 anos de actividade do grupo, a que presidiu o Rev. Joaquim Rosa Baptista, presidente da Direcção do «94».

Antes do ritual, o Chefe Macedo fez um pouco de história da vida do agrupamento, agradeceu a cooperação dispensada pelos membros da Igreja à acção desenvolvida e disse esperar que essa ajuda continuaria a ser o principal esteio da vida do grupo.

O Rev. Joaquim Rosa Baptista saudou o Grupo e lembrou os tempos da sua fundação, teve palavras de reconhecimento para com os anteriores dirigentes e felicitou o Chefe Macedo pela actividade e dedicação dispensada.

A mensagem foi proferida pelo sr. Erasmo Chaves, secretário da Associação Cristã Mocidade e espírito particularmente devotado à obra de educação da mocidade, que focou a acção do Escotismo e os seus fundamentos cristãos, demorando-se particularmente na análise do seu ideal de generosidade, na boa acção característica dos Escoteiros, afirmando que o homem para ser feliz carece de se devotar a causas nobres e elevadas.

Concurso Inter-Patrulhas

No dia 14 de Julho, na sede do Grupo 8, realizou-se a primeira mão deste Concurso que foi disputado pelas patrulhas «Leão» e «Veado» do Grupo 94; e «Falcão» e «Tigre» do Grupo 8, que ocuparam a noite em jogos de competição.

No dia 16, realizou-se a segunda parte do Concurso, na sede do «94», que constou de diversas provas técnicas. Nesta noite, por coincidência, a sede do 94 foi visitada pelo Delegado dos Serviços Centrais e seu Adjunto, respectivamente srs. Eng.º José Maria Nobre Santos e António Mira Calhau, que, não querendo interromper as provas que estavam sendo prestadas, assistiram durante algum tempo ao concurso, tendo no final expressado o seu agrado pela actividade em que tinham encontrado os escoteiros.

O resultado do concurso foi o seguinte:

1.ª — Patrulha «Falcão» do Grupo 8;
2.ª — » «Leão» » » 94;
3.ª — » «Veado» » » 94;
4.ª — » «Tigre» » » 8;

A Sessão Solene

No dia 23 de Julho, à noite, no ringue de patinagem do Grupo Desportivo «A Académica da Ajuda», realizou-se a festa comemorativa do 25.º aniversário. Num dos lados foi colocada a mesa de honra, tendo assumido a presidência o sr. Eng.º José Maria Nobre Santos, ladeado pelos srs. Eduardo Quintino Pinheiro, vice-presidente da Direcção da Fraternal; Rev. Joaquim Rosa Baptista, presidente da Direcção do «94»; Mário Pedrosa Ramalho, da Direcção da «A Académica»; Prof. Pedro Painho; Director do «Sempre Pronto» e o Escoteiro-Chefe do Grupo, Capitolino Ferreira Macedo.

A assistência era numerosa e constituída pelas famílias dos escoteiros e lobitos, amigos do grupo, mocidade do bairro e muitos antigos escoteiros. É uma nota agradável o elevado número de antigos escoteiros que têm comparecido às actividades escoteiras últimamente realizadas. Aqui recorda-nos ter visto os companheiros srs. Aníbal Ramos, Eduardo Rolão, Eugénio Ribeiro Nunes, Ernesto Clímaco do Nascimento, Francisco Seita, Luís Simões Aurélio, José Fernando Marinho, Afonso Cruz, Eduardo Campos, Wolf Karl, alguns acompanhados de suas esposas.

Aberta a sessão, o Rev. Rosa Baptista disse a sua satisfação em saudar o «94», lembrando que o tinha acompanhado desde a sua fundação, afirmou que o Grupo tem marcada uma posição de destaque no Bairro da Ajuda. Reconhecia — disse — que qualquer movimento para vencer necessita de ter dirigentes, elementos competentes para orientar, encaminhar e chefiar, e que o «94» tinha tido a felicidade de ter bons chefes. Prestou a sua homenagem ao antigo chefe do grupo e terminou pondo em merecido relevo a dedicação e entusiasmo do Chefe Capitolino Macedo, escoteiro do agrupamento desde muito novo.

Saudou depois o «94» o vice-presidente da Fraternal, afirmando que o fazia com muita alegria em nome dos que foram escoteiros e que ainda são escoteiros, porque *uma vez escoteiro, sempre escoteiro*. E acrescentou: «Representando antigos-escoteiros representava homens bons. O mundo de hoje necessita de boas pessoas e uma das forjas onde se forma boas pessoas é o Escotismo. Espero que os actuais escoteiros do «94» continuem a fazer pelo grupo o mesmo que fizeram os antigos e que todos juntos se possam reunir para comemorar o meio século de actividade do grupo».

Para a imposição da 25.ª estrela de serviço na bandeira do Grupo foi convidada a antiga sócia honorária do mesmo, Guia-Chefe D. Júlia Ribeiro. Seguidamente, o Eng.º Nobre Santos, em representação da Direcção da A.E.P., colocou a medalha de Dedicação e Bons Serviços, classe ouro, com que o grupo foi galardoado. O sr. Quintino Pinheiro colocou também umas fitas encarnadas e verdes com dedicatória, homenagem da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Terminado este acto, o sr. Eng.º Nobre Santos afirmou a sua satisfação em poder pessoalmente associar-se às homenagens ao Grupo 94, visto ter acompanhado sempre de perto a actividade do Grupo 94 quase desde a sua fundação.

Declarou que a medalha que tinha tido a honra de colocar na bandeira do «94» era o reconhecimento da Direcção dos Escoteiros de Portugal pela acção deste Grupo. Disse ainda que o Grupo 94 se poderia apresentar em qualquer parte como uma unidade que honra e sempre tem honrado os Escoteiros de Portugal.

Terminou desejando que a acção do Grupo 94 se desenvolva tão bem como até aqui, se não for possível melhor, já que todo o escoteiro tem sempre a aspiração de fazer melhor. Mas será já bom se for como até aqui.

O sr. Eng.º Nobre Santos fez seguidamente a apresentação do orador, sr. Prof. Pedro Painho, professor de Escola de Magistério Primário, formado em Psicologia, que proferiu uma conferência acerca do «Fenómeno educativo — formação integral do rapaz ou da rapariga», que em virtude do seu interesse, particularmente para os pais, procuraremos inserir no próximo número do «Sempre Pronto».

Dirigentes e Escoteiros do Grupo 94 receberam merecidas condecorações

Por proposta do Escoteiro-Chefe, a Direcção dos Escoteiros de Portugal agraciou diversos dirigentes e escoteiros, que nas fileiras do «94» há diversos anos vêm dando provas de dedicação e prestando relevantes serviços ao Escotismo. O Chefe do Grupo teve assim ensejo de solenemente fazer a imposição das seguintes medalhas:

Dedicação e Bons Serviços, Classe ouro; Aos dirigentes srs. Joel Ribeiro, escoteiro-chefe administrativo; Manuel Tacão Monteiro, escoteiro-chefe ajudante. Classe prata: Júlio Maria Reis, chefe de divisão caminheira; caminheiros José Eduardo Pena Ribeiro, Mariano Garcia Inácio, Armando Garcia Inácio e Luís Garcia Inácio.

Assiduidade. Classe Cobre: Caminheiro Armando Garcia Inácio, escoteiros Guia António da Encarnação Amêndoa, António José Dias Almeida Chaves e Daniel Tacão Monteiro.

O Eng.º Nobre Santos aproveitou este ensejo para colocar no peito do Escoteiro-Chefe Capitolino Ferreira Macedo a Medalha de Mérito, classe ouro, com que foi merecidamente distinguido pela Direcção dos Escoteiros de Portugal, em reconhecimento dos serviços relevantes prestados na chefia do Grupo 94, serviços que o Delegado dos Serviços Centrais pôs em relevo.

Uma simpática Homenagem da Equipa «Alexandre Herculano»

Esta equipa é constituída pelos caminheiros que no «94» colaboram directamente com o Escoteiro-Chefe na chefia do grupo, tanto na divisão lobito como escoteira. É um agrupamento valoroso de rapazes dedicados, que sentem o Escotismo e são amigos sinceros do seu chefe. Quiseram eles aproveitar as «Bodas de Prata» do seu grupo para prestar significativa homenagem ao Chefe Macedo. Num gesto espontâneo entregaram-lhe uma artística placa de prata com a insígnia associativa, a qual tinha gravadas palavras de apreço pelos 13 anos de dedicação na chefia do «94», apreço que, em nome de todos, o Caminheiro Mariano Inácio evocou em palavras de muita simpatia.

O Chefe Macedo agradeceu sensibilizado as homenagens que lhe estavam sendo prestadas e disse que a obra empreendida se deve à colaboração que todos os dirigentes e caminheiros prestam à chefia do grupo.

Novos Escoteiros

Três novos escoteiros prestaram o Compromisso de Honra: Daniel Tacão Monteiro, Augusto de Oliveira Castro e

(Conclui na página 14)

Mães portuguesas, nós vos exortamos, com toda a veemência e sinceridade, a enviar vossos filhos aos grupos de escoteiros, na certeza que eles vo-los devolverão homens sempre prontos a sacrificar-se pelo bem da Família e da Pátria, isto é, da Humanidade — Disse o Senhor Professor Aníbal Gonçalves Ramos na conferência que pronunciou na Ajuda e repetiu em Sintra, durante as comemorações das «Bodas de Prata» dos Grupos 94 e 93 da A. E. P.

MEIOS PEDAGÓGICOS DE FORMAÇÃO DA ADOLESCÊNCIA

(EVOLUÇÃO SOCIAL, ESCOTISMO E FAMÍLIA)

O Sr. Prof. Aníbal Gonçalves Ramos começou a sua conferência, que lamentamos não poder publicar na íntegra pela falta de espaço, saudando os grupos aniversariantes e, com muito brilho, fez a análise do ambiente familiar e social de antes das duas guerras mundiais, os hábitos modestos e calmos da vida recreativa, distracções, etc., e, continuando, disse:

As crianças representavam o fulcro das atenções e carinhos dos pais. Quando em presença destes ou de pessoas idosas, elas não se limitavam a respeitá-los, o que, actualmente, já seria de apreciar; faziam-no, sim, mas com estima. A sua formação, adquirida na seleccionação ministrada por professores, seleccionados mais pela conduta de sã honestidade, do que pela competência pedagógica, consistia uma das principais e constantes preocupações dos progenitores,

A mãe, com suas excelsas virtudes, das quais sobressaíam o instinto e o carinho, era quem se distinguia nessa nobre missão. Tantos extremosos cuidados, davam à mocidade a noção nítida de segurança, a confiança plena no porvir, enfim o sentimento seguro de possuir uma das maiores riquezas da humanidade — um lar, um lar em toda a plenitude do termo.

Por isso, a tranquilidade mantinha-se constante nos espíritos, e muitas doenças altamente mortíferas, que hoje atormentam a sofredora humanidade, eram quase desconhecidas. Como normal resultante de equilíbrio tão perfeito, o homem era comedido na acção, prudente no dispêndio, honesto nas contas, cortês no trato e alegre no recreio. Em síntese: sempre que possuía saúde, sentia-se tão feliz, quanto humanamente poderia sê-lo.

Mas eis que os anos fatídicos de 1914 e 1939 libertam de seus ventres o monstro horrendo da Grande Guerra. Foi esse cataclismo universal que, empunhando irònicamente o estandarte da liberdade, tudo nivelou, profanou, oprimiu e arrasou, cuspindo para a sórdida viela legiões e legiões de crianças, num ápice transformadas em órfãos.

A ânsia da vitória mobilizou as actividades gerais, alterou os costumes, trocou os valores e inverteu a moral por todos os continentes. Dir-se-ia assistirmos ao desabar dos alicerces de uma civilização depauperada, e que seus pilares fundem no cadinho das grandes convulsões, germinando novos arranjos sociais, completamente estranhos à nossa vontade.

A mulher, agora apeada do seu trono secular e desacompanhada do seu pai ou do marido protector, sem o qual, só por acidente, se via em público, é compelida a desempenhar todas as profissões, sem a mínima consideração pela sua compleição delicada. Sùbitamente, arrancam-na da intimidade do lar e lançam-na para trás de um balcão, sob os olhares dardejantes e cubiçosos da multidão ávida de prazeres; sentam-na às secretárias de vastas repartições públicas e particulares; colocam-na frente a máquinas fabris, cujos ensurdecedores ruídos das férreas engrenagens e correias volantes, lhe arruínam o delicado sistema nervoso, árbitro da saúde.

Lançada no turbilhão das actividades profissionais, não mais pára. Com sábia argúcia, ela utiliza-as como trampolim para romper definitivamente as convenções tradicionais e ensaiar dois formidáveis saltos no tempo futuro. No primeiro invade a escola, desde a primária à universitária, onde, com esclarecida inteligência e perseverança, consegue obter os diplomas que lhe permitiriam conquistar as cadeiras do magistério de todos os graus, o jornalismo, a advocacia, a política, a direcção de vastos organismos, mesmo os mais científicos e preponderantes.

No segundo, talvez como compensação de tanto esforço, apodera-se dos lugares de distracção e prazer. Para onde nos voltemos, cinemas, cafés, «boites», empresas de viagens, automobilismo, clubes desportivos, chás-canasta, etc., lá a vemos, a mulher moderna, de riso aberto em gargalhadas contagiosas, movimentando-se incessantemente, ora compondo, ora mesmo descompondo a «toilette», à qual, por vezes, não é estranho o aromático cigarro aspirado com volúpia.

Mas, condenaremos nós, porventura, tal atitude? Não; não o poderemos fazer! Isso equivaleria a negar o progresso, desconhecer os benefícios da ciência, condenar a evolução da humanidade ou, pior ainda, aceitar para as netas os grilhões que tolheram o caminhar das avós. Queremos viver a época de hoje, porque, apesar de tudo, ela é a mais bela que a história jamais pôde testemunhar.

Esta opinião, porém, não nos autoriza a aceitar, sem profunda revolta da consciência, o abandono da criança, gerado por esse procedimento, cada vez em maior escala. Se é pobre, ver-se-á obrigada a vaguear pelas ruas, em bandos de malta farroupilha, moldando as suas ténues almas no vício de toda a espécie, enquanto pai e mãe labutam fora do lar, para lhe dar o parco sustento. E se, pelo contrário,

(Continua na página 10)

Meios pedagógicos de formação da adolescência

(Evolução social, Escotismo e Família)

(Continuação da página 9)

pertence a família abastada, não terá melhor sorte, visto que, enquanto suas mães dormem as manhãs em fofos colchões, ou se ausentam em visitas e passa-tempos citados, elas serão vítimas de exemplos de condutas irregulares, filhas da ignorância de serviçais, sempre inaptas como educadoras.

Como tem reagido o adolescente, psíquica e moralmente, perante os fenómenos referidos? Como não poderia deixar de ser. As boas maneiras no trato, a deferência pelos débeis e idosos, o respeito pelas pessoas venerandas, as manifestações de gratidão, a estima pelo velho professor, tudo há muito foi varrido dos seus hábitos, como inúteis preceitos. E de igual modo procede com quanto represente arte, trabalho científico, ou estudo puro. Só o egoísmo e o movimentar desordenado e barulhento, o demovem da apatia em que geralmente permanece.

Todavia, quem, como nós, permaneça há longos anos junto dele e o observe com atenção, muitas vezes se sentirá profundamente penalizado ao vê-lo debater-se, em dolorosa e contínua luta travada no âmago do seu ser, entre a conquista da perfeição, pela qual anseia, e a prática de distúrbios que quotidianamente executa, sem mesmo avaliar as consequências.

Mas é preciso conhecê-lo em casa, na aula, no campo e na cidade; é preciso também escutar as suas aspirações, despeitos e angústias, quantas delas confidenciadas com lágrimas nos olhos e soluços sufocantes; é preciso ainda, compreendê-lo, admoestá-lo se necessita e premiá-lo quando merece, para podermos, com autoridade, defendê-lo ou condená-lo! É no uso desse direito, outorgado pelo convívio com rapazes de todas as idades e condições sociais, durante mais de quatro decénios — quase meio século — que vimos perante V. Ex.as afirmar:

A mocidade não pode ser responsável pelos seus próprios desmandos, mas sim, os erros da geração que lhe foi berço; a sua personalidade emana pureza e bondade naturais, e não crueldade preconcebida; e, finalmente, se o contrário por vezes parece, é porque ela não pode libertar-se, sem ajuda competente e afectuosa, da influência bem marcante da hereditariedade, da educação recebida e do meio onde foi criada, passos já aqui tratados.

Por estas verdades serem reconhecidas, as entidades responsáveis têm ensaiado, vários e valiosos planos tendentes a dar-lhes remédio adequado. Contudo, as atitudes negativas continuam a acentuar-se, e tanto mais, quanto se multiplicam os edifícios escolares providos de material didáctico moderno; se exige maior preparação geral e específica ao pessoal docente; se diminuem as dificuldades na aprendizagem de matérias, pela criação de novos métodos de estudo; se estimula o aumento da frequência, pela concessão de facilidades alimentícias em bem providas cantinas; se dispensa o pagamento de propinas; se concedem bolsas de estudo; se promovem excursões ao país e estrangeiro; regem orfeões; organizam concursos de trabalho, representações cénicas, competições desportivas e tantas outras das mais variadas modalidades. Significam esses lamentáveis resultados que os meios empregados, apesar de aparentemente poderosos, foram neutralizados por outros de natureza oposta, cuja acção empurra persistentemente o adolescente para progressivas deformações da personalidade.

Mas, enquanto a evolução dos factos narrados progride de modo impressionante, como acabamos de ver, cuja síntese pode ser representada pela notícia de quase metade dos crimes, na Grã-Bretanha, terem sido praticados, nos últimos tempos, por pessoas de menos de 21 anos, um acontecimento sensacional, surge no sul de África, cujo fulcro é Baden-Powell. Este insigne psicólogo, lança, com êxito absoluto, os sábios fundamentos da bela instituição que havia de criar na mocidade do mundo inteiro, os adeptos mais fervorosos das salutares práticas do bem, jamais existentes em associações de carácter educativo voluntário. Empreendimento a todos os títulos frutuoso, em breve revolucionaria o processo educativo. Pode ufanar-se, desde os primeiros passos, de não ser arquitectado ao sabor de fantasias. Antes resultou de sábias e pacientes experiências, feitas durante a guerra do Transval.

O orador, falando com a autoridade que lhe confere uma vida inteiramente devotada à causa da educação, em contacto permanente com gente nova, fez a história do ataque a Mafeking e descreveu a forma como Baden-Powell teve a inspiração do Escotismo e as observações colhidas em face do comportamento do corpo de cadetes que colaborou na defesa daquela praça e prosseguiu:

De quanto observou, muito inteligentemente deduziu que: só o método que corresponda, em seus trabalhos formativos, ao interesse psicológico dos praticantes e possa norteá-los por um ideal desinteressado; organize as actividades visando o bem comum; mobilize a totalidade das faculdades intelectuais e físicas dos adeptos, sem nunca esquecer as necessidades lúdicas; estabeleça normas elevadas no amor à Família, Pátria e Deus; e, finalmente, saiba criar poderosa mística, para a qual todos tendam com afinco,— esse método, sim, terá direito a ser considerado por todos, modelo para educação de rapazes.

Ao regressar à Grã-Bretanha, esta ideia mantinha-se arreigada no espírito, pelo que, com energia indomável, proclamou as virtudes por ele analisadas no Transval. O seu patriótico propósito era conseguir a regeneração da raça inglesa, tendo por escola as práticas vividas nos postos avançados das Colónias de África e, em especial, as seguidas pelo povo selvagem Zulos, sempre que os seus rapazes ambicionavam conquistar o honroso título de homem responsável.

Com estas bases, teve a suprema ventura de organizar o primeiro grupo de escoteiros que, em breve, se converteria em semente fecunda do Grande Movimento Escotista e lhe daria o honroso título de «O Fundador».

No primeiro ano de existência, já o movimento contava mais de 10.000 escoteiros, em todo o Mundo; três anos mais tarde, em 1911, 175.000 na Grã-Bretanha e colónias; 250.000 nos Estados Unidos e 10.000 na Rússia. Actualmente o seu efectivo é superior a oito milhões de jovens de todas as raças e religiões, entre os quais avulta, pelo entusiasmo com que abraçam os preceitos orientadores, grande número de filhos de personalidades eminentes na política, finanças, letras e ciências, de todas as religiões da terra, onde a civilização impera.

(Continua na página 11)

Meios pedagógicos de formação da adolescência

(Evolução social, Escotismo e Família)

(Continuação da página 10)

Testemunham, categòricamente, a excelência da organização os trinta milhões, ou mais, de homens bons espalhados pelo mundo, que tendo-se submetido aos seus inestimáveis preceitos quando crianças, ainda hoje, longos anos volvidos, se orientam por eles, tanto em suas relações sociais, como privadas.

E, por que não dizê-lo, embora com modéstia? Se assim não fôra, estaria aqui um antigo escoteiro a importunar V. Ex.as?

Perguntam os céptícos como é possível adoptar em todos os pontos da Terra, princípios educativos idênticos, quando se sabe que o adolescente é um ser em constante evolução, sempre diferenciada em função do meio familiar e geográfico onde habita. Se admitirmos não haver processo mais rico em meios pedagógicos que o Movimento escotista, visto fundamentar as suas práticas na compreensão e satisfação do interesse psicológico da criança, obteremos a resposta. E esta é tanto mais positiva, quanto se considere que toda a acção do método se baseia nas faculdades características daquela idade, das quais, as principais, são: imitação, fantasia, curiosidade, iniciativa, emotividade e justiça.

Porque sabemos quanto V. Ex.as se interèssam pelos problemas educativos, ainda nos atrevemos a pedir-vos licença para prosseguir no seu estudo, por mais alguns minutos.

Analisemos pois, embora superficialmente, a função formativa que vimos versando. Demonstrado, como atrás ficou, que a organização social não permite à maioria das famílias dar assistência contínua a seus filhos, cabe justamente ao grupo de escoteiros, a nobre e espinhosa missão de as coadjuvar. Para isso, antes dos apreciáveis meios seguidamente referidos, três evidenciaremos de pronto: o afastamento da rua, da taberna e do clube.

O grande psicólogo e educador Padre António de Oliveira, melhor do que nós poderá elucidar V. Ex.as no que consiste o perigo da rua. Ouçamo-lo pela nossa voz: «Todas as manhãs, saem de suas casas, a caminho da Escola, alguns milhares de crianças. Pertencem a famílias em cujo lar reina a saúde e a honra, o trabalho e a economia. Ai delas!..., depois de se terem demorado algum tempo na rua a brincar com certos rapazes, muitas e muitas dessas crianças, que de manhã eram, ainda, sãs e escorreitas, puras e inocentes, enchem de espanto e aflição suas mães, regressando a casa a bambolear o corpo!... a fumar!... a cuspir em esguicho!... a praguejar... a dizer obscenidades!...»

Da taberna, quase sempre conducente ao alcoolismo, nada diremos de especial, visto todos conhecermos inúmeros casos de consequências tão flagrantes de miséria, quanto imorais e até criminosas. Resta-nos o clubismo. Neste aspecto, limitar-nos-emos a lamentar o depauperamento físico, sempre adquirido por adolescentes de boa educação, quando, possuindo porte corporal escorreito e alguma habilidade para desportos, são submetidos a exaustivas torturas de ordem neuro-muscular, a que chamam treinos intensivos, com o propósito único de conquistar troféus, em competições da especialidade, para prestígio do clube que representam.

O Prof. Aníbal Ramos fez seguidamente uma interessante análise dos métodos de acção do Escotismo: acampamentos, jogos educativos e desportivos, exercícios, práticas religiosas e patrióticas. Referiu-se ao sistema de patrulhas, ao sentimento da responsabilidade cultivado entre cada membro das mesmas patrulhas, disse que o conjunto destas forma a unidade escotista, o chamado grupo de escoteiros e, referindo-se a estes, afirmou:

Para o seu labor, muito mais vasto, poder resultar eficiente, será necessário existir sede acolhedora, direcção técnica e administrativa competentes e dedicação constante do chefe, devendo este ir, em caso de situação aflitiva de seus escoteiros, até ao sacrifício pessoal possível.

O escoteiro, ao obter os distintivos de provas de classe, correspondentes ao aproveitamento nas actividades profissionais, como pintura, modelação, orientação, higiene, natação ou outras, destaca as modalidades pelas quais mostrou ter tendência. Este processo habilita o Grupo a informar a família, qual a futura carreira que, cientìficamente, lhe está indicada.

Foquemos agora o preceito da boa acção, aquele que não permite desatar o nó do lenço sem ter sido útil a alguém. Quanto sacrifício pessoal pelo semelhante, ele comporta! Quanta nobreza de alma se torna necessário possuir para, hora a hora, dia após dia, durante anos, sempre imensamente longos na infância, persistir, sem desfalecimentos, na ideia constante de auxiliar alguém, quando se sabe que, muitas das vezes, se recebe, por única recompensa, a troça, o ridículo e o escárneo, justamente dos próprios beneficiados!

Mas, é precisamente a prática incessante deste princípio, efectuado no decurso dos melhores anos da vida, naqueles em que, por nossa maleabilidade, os costumes fazem lei, quantas vezes seguida até à morte, que os escoteiros devem grande parte da formação do seu carácter.

Quando Antero Nobre afirma «Escoteiro um dia, escoteiro toda a vida», evoca, certamente, nessa simbólica frase lapidar, como primeiro preceito escotista, a prática da boa acção diária; de tal modo ela representa a chave do triunfo de todo o sistema.

Comparai a nobreza do gesto de um garoto que, num movimento de amor pela humanidade, tudo esquece quanto a si respeita, calca o forte instinto do medo, desatende as fracas possibilidades físicas, despreza o temor das consequências e, num golpe de audácia e coragem, se lança à água, não importa se estagnada ou viva, parada ou em forte remoinho, jogando vida por vida, para salvar alguém de morrer que, a maior parte das vezes, nem conhece.

E tudo faz sorrindo às dificuldades, como a coisa mais natural, contente, muito contente, por, com a sua acção, poder simplesmente desatar o nó do lenço, mostrando assim a sua fidelidade à Lei do Escoteiro.

(Continua na página 12)

Meios pedagógicos de formação da adolescência

(Evolução social, Escotismo e Família)

(*Continuação da página 11*)

Comparai, minhas senhoras e senhores, os dotes de alma deste, que se apresenta tão modesto em suas pretensões, com os que tudo têm e nada dão. Comparai-os ainda com os daqueles que, numa obcecação contínua, espreitam aqui e além, hoje e amanhã, quem há-de sofrer os seus maus ímpetos, sòmente para prazer doentio de suas taras.

Num grupo de escoteiros bem conduzido, desconhecem-se autoritarismos

A actuação jamais é gritante ou déspota. Exerce-se pela exposição sorridente, conselho lúcido e bons exemplos que, de todas as lições, é a mais duradoura e benéfica.

É ao ar livre, no interior das barracas e em redor delas, que o convívio íntimo de crianças, mantidos em dias alternados, durante semanas, meses, e até anos, faz despontar amizades sólidas e perduráveis pela vida fora. Lá tem lugar a reunião magna, estímulo máximo do Escotismo, chamada Rocha do Conselho.

Ela efectua-se nos serões realizados por todo o Grupo, em redor de uma fogueira acesa apenas com dois fósforos, em obediência à praxe escotista, quer o tempo se mostre agreste ou bonançoso.

Nela tudo encanta. Constituem leves lampejos de suas belezas: o crepitar da lenha em combustão viva que, gerando em sua seiva ondas de luz rubra como sangue puro, nos contagia de sã alegria campesina; o recortar de nossas silhuetas, alongando-se pelo espaço verdejante, em fantásticas e trémulas figuras, que nos recordam sonhos da sempre saudosa meninice; o cenário dado pela própria natureza, no qual, em plano levemente afastado e escuro de breu, o balançar das altas árvores, originado pela brisa nocturna, e o piar dos mochos nelas encimados, nos fazem nascer ideias tenebrosas e amedrontam os mais tímidos, quero dizer, os «pata-tenras».

O orador prossegue descrevendo com muito brilho o ambiente dos fogos de conselho, os seus programas, os conselhos prudentes dos chefes, o espírito de lealdade, cortesia e fraternidade ali vividos e afirma:

É neste lugar, longe da influência do desequilíbrio social, que o adolescente directamente estimulado pela natureza, actua, mesmo involuntàriamente, tal qual é; mostra todos os defeitos e virtudes, que caracterizam a sua personalidade.

O Chefe mais não tem que observar, registar e analisar à luz da sua experiência pedagógica, o comportamento de cada um e ajustar-lhes as regras adequadas para obter os melhores resultados educativos. Ele não considera o escoteiro um subordinado, o qual deverá obedecer-lhe, mesmo contra vontade. Sabe não haver joia mais sã e prestimosa, onde as virtudes latentes anseiem por se expandir em obras benfazejas, do que um rapaz desejoso de se educar. Importa é lapidá-la, trazer à superfície o brilho do seu coração diamantino, desenvolver-lhe o amor ao estudo.

Simultâneamente, ambiciona recalcar-lhe, nas profundezas do esquecimento, os maus instintos, se os possuir. Resumindo:

O Escoteiro-Chefe, como educador que fundamentalmente é, pretende, por meios persuasivos, exemplo e amor, transformar qualquer jovem, vulgar ou não, que se inscreva no Grupo, num homem de acção dinâmica e nobre, sempre pronto física, psíquica e moralmente a ser útil a si e ao seu semelhante.

A nossa estadia, já longa, no meio escolar, autoriza-nos a duvidar, sem melindre para ninguém, que, haja um só professor a poder ufanar-se de conhecer, de modo tão completo como os chefes, o carácter de seus alunos. A razão fundamental reside, como vimos na profunda desigualdade dos meios onde ambos exercem a actividade educativa. Aquele, por muitas habilitações que possua e deseje aproximar-se dos educandos, verá sempre a sua acção cerceada pelo ambiente académico, limitada às paredes das salas de aula, escassez de material, recreios vigiados por pessoal inapto, rigidez de horários escolares e necessidade imperiosa de cumprir programas de ensino, elaborados, parece, que exclusivamente para exames. Já assim não acontece com o segundo. E, tais privilégios reunidos ao carinho com que desempenha a sua desinteressada missão, pela qual nada aufere além da satisfação de auxiliar o seu semelhante, torna-o elemento mais prestigioso para coadjuvar a família a transformar crianças, quantas vezes difíceis de se adaptarem a quaisquer missões produtivas, em homens trabalhadores e honestos, valores sociais positivos, sustentáculos das nobres virtudes que distinguem a Nação Portuguesa.

A prova reside na Fraternal dos Antigos Escoteiros, formada por elementos que conseguiram guindar-se na dura luta pela vida, mercê dos princípios que num dia lhes foram transmitidos nos Grupos e não mais esqueceram de observar.

Se tantas organizações para rapazes existiram em todos os tempos e lugares da superfície do globo, se, não obstante os esforços titânicos de seus autores, tantas delas tiveram vida efémera, e só o Escotismo, apesar de combatido ou mal plageado, persiste com ardor, é porque alguma coisa de grande, enorme, incomensurável nele existe.

Essa força maravilhosa, que escapa fàcilmente a quem o não viveu, jamais poderá ser mantida pelo ensino singelo das matérias do seu programa e, menos ainda, pela acção mercenária de instrutores, mesmo competentíssimos. Não. Essa força é maior,

(*Conclui na página 15*)

Meios pedagógicos de formação da adolescência

(Evolução social, Escotismo e Família)

(*Conclusão da página 12*)

mesmo muito superior a tudo isso, que já seria considerável como obstáculo à indisciplina reinante entre os homens, embora não baste para a aniquilar. Ela consiste num sol imenso, radiante, chamado Espírito Escotista.

É este Espírito que tudo anima: no amor fraternal nascente na sede e empolgado no campo, em abraços mútuos de corações de ritmos unísonos, de jovens insuflados do mesmo ideal do bem-fazer; na íntima satisfação resultante da prática do cumprimento dos deveres de honestidade; nos princípios de gratidão para com os pais; por fim, na piedosa satisfação na observância das Leis de Cristo. Nem uma só vez ele deixa de transparecer nas cândidas expressões quando, face a face, em posição respeitosa de sentido, comovida e solenemente, o escoteiro faz a sua promessa perante o Chefe, a continência frente à bandeira das quinas, desfraldada aos ventos das serras de Portugal, entre as quais a de Sintra, é por nós a mais amada.

Escotismo é, pois, palavra a todos os títulos lapidar, e simboliza o padrão sacrossanto do entendimento, amizade e paz entre as gerações presentes e futuras. Nem um só minuto, nas 24 horas que mede cada dia, o tumultuar das paixões humanas consegue abafar os seus ideais nas almas da mocidade que o pratica. Sob a luz do sol ou das estrelas cadentes, há sempre gente imatura a vivê-lo, chefes de família a recordá-lo e anciães a bem-dizê-lo.

O Prof. Aníbal Ramos, depois de ter palavras de agradecimento para senhoras e senhores que o tinham escutado, termina a tão apreciada conferência com a seguinte sentida exortação:

Mães portuguesas, nós vos exortamos, com toda a veemência e sinceridade, a enviarem vossos filhos aos Grupos de Escoteiros, na certeza que eles vo-los devolverão homens sempre prontos a sacrificar-se pelo bem da Família e da Pátria, isto é, da Humanidade.

Tanto na Ajuda como em Sintra o orador foi muito cumprimentado pelo seu valioso e autorizado estudo acerca do Escotismo.

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA

46.º Aniversário do Grupo n.º 7

Esta unidade dos Escoteiros de Portugal, com sede nos Bombeiros Voluntários Lisbonenses, comemorou no passado dia 10 de Junho, Dia de Portugal, o 46.º aniversário da sua fundação.

O Chefe do Grupo, sr. Otelo de Sousa, referiu-se ao significado da festa e fez a apresentação do Chefe sr. Mira Calhau, Delegado adjunto dos Serviços Centrais para a Região de Lisboa. O Chefe Calhau, usando da palavra, traçou a história do grupo 7 e chamou a atenção dos actuais escoteiros para a responsabilidade de pertencer a uma unidad de tantas tradições, esperando que todos saberiam cumprir o seu dever a bem do seu grupo e do Movimento.

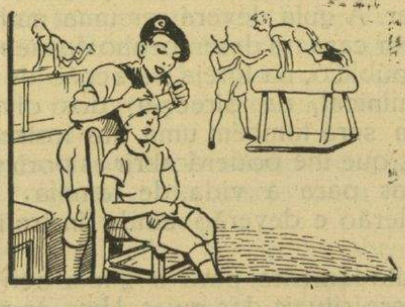


Procedeu-se também à imposição na bandeira da estrela respeitante aos 46 anos de serviço, acto executado pelo grande amigo do Escotismo sr. Frederico Pereira Jardim, director e 2.º Comandante daquela prestigiosa corporação de Bombeiros.

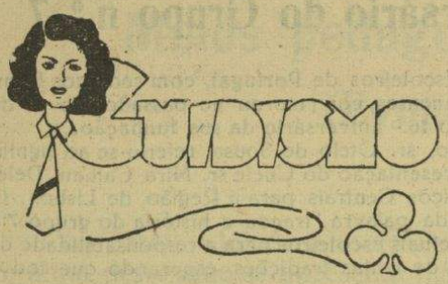
A sessão terminou com a exibição de filmes culturais cedidos pela Embaixada Americana e Turismo Francês Na assistência, cerca de 200 pessoas, encontravam-se os escoteiros do grupo 30 do C. N.E., acompanhados pelo assistente Dr. Erving, e o sr. Ernesto Clímaco do Nascimento em representação da Fraternal dos Antigos Escoteiros, chefes e escoteiros de vários grupos.

«Sempre Pronto» formula votos de bom Escotismo e prosperidades ao Grupo n.º 7.

Treino de primeiros socorros
«PLASTIFOL» — Plastic Wound Replicas
IMITAÇÃO DE FERIMENTOS EM PLÁSTICO
Real e eficiente treino dos Escoteiros em Primeiros Socorros pode ser agora obtido usando «PLASTIFOL», imitação de ferimentos feita em plástico flexível, que adere ràpidamente à pele e pode ser fàcilmente removido e usado de novo repetidas vezes. Imitações PERFEITAS de ferimentos, apresentam se com aspecto tão real que em exercícios de treino alguns Escoteiros têm julgado estar na presença de autênticos feridos.



Das 3 Colecções postas à venda, foi organizada uma Colecção «Scout» contendo «ferimentos» apropriados para a instrução de rapazes, incluindo um golpe de machado, queimadura empolada, ferpões de anzol, ferida lacerada, joelho esfolado, fractura, unha ferida, simples nódoas negras e contusões por agressão,
Ao preço de £ 1. 16. 0. — Porte pago
Remetemos um «ferimento» de amostra, literatura ilustrada e anotações, mediante o envio de 3/ (equivalente a 12$00) por vale de correio (internacional)
BROWNING'S LTD. — Dept SL,
69 Aberdeen Stret, HULL, England
DÃO-SE ESCLARECIMENTOS A DISTRIBUIDORES COMERCIAIS



«O GUIDISMO — SUAS ACTIVIDADES»

Tese apresentada pela Guia-Chefe D. Júlia Gomes Pena Ribeiro à III Reunião Geral de Escoteiros-Chefes Evangélicos realizada de 25 a 30 de Março de 1958.

(Continuação do último número)

A vida ao ar livre constitui finalmente a principal actividade das guias. Não pode haver guidismo sem haver vida de campo. É aí que as guias aplicam a instrução recebida na sede e dão largas ao espírito juvenil.

As actividades de campo poderão dividir-se em três grandes grupos: Acampamentos, excursões ou exercícios e bivaques. Os acampamentos são as actividades em que as guias pernoitam no campo. São interessantíssimos sob todos os aspectos. Contudo, a organização de um acampamento para guias exige prudência, devendo realizar-se sòmente em local que seja vedado e tenha as indispensáveis condições de segurança. Podem ser escolhidas quintas vedadas, cercas de escolas, matas do Estado, aconselhando-se a presença de um homem, não jovem, marido da chefe ou pai de uma das guias.

As excursões ou exercícios são actividades de campo, com programas prèviamente traçados, podendo ser desenvolvido um tema que leve a aplicação de sinalagem, sinais de pista, observação, conhecimento da natureza, que manterá o interesse permanente pela actividade. As guias devem sair cedo da cidade e regressar antes do sol pôr. Deve também ser escolhido o local do exercício, que não deve ser nem muito frequentado nem demasiadamente isolado.

Os bivaques são actividades de campo com as mesmas características do acampamento. Sòmente, as guias partem de manhã cedo para o campo e regressam antes do anoitecer. Para estas actividades é mais fácil escolher o local do que para os acampamentos. Aqui as guias têm ocasião de aplicar as suas capacidades, nos trabalhos técnicos, na cozinha, nos jogos e nos diversos exercícios.

Não falámos ainda da actividade desportiva. Ela pode ser desenvolvida na sede, na cidade ou no campo. Depende inteiramente das possibilidades de cada Companhia. As guias poderão praticar pingue-pongue, basquetebol, voleibol, etc. O pingue-pongue é um desporto de sede. Pode também ser praticado em qualquer instituição que simpatise com o Movimento. O voleibol e o basquetebol podem ser praticados nos acampamentos e nos bivaques. De igual forma, poderá ser praticado no ginásio de qualquer instituição que esteja pronta a cooperar com a Companhia.

Em todas as actividades devemos proporcionar oportunidade para que as guias se habituem a ter contacto com a sociedade, dando-lhes ensejo para se relacionarem, para pessoalmente resolverem problemas ligados às actividades, solicitando directamente a colaboração de senhoras amigas do Guidismo, realizando as compras para a Companhia, falando com as famílias das guias suas subordinadas, para que usem da palavra em púbico de forma a saberem expressar-se sempre que tiverem necessidade de o fazer. Este é um dos aspectos da educação que mais convém à rapariga portuguesa, porque lhe têm sido dadas poucas ocasiões para o fazer. A guia deverá ser uma mulher apta a enfrentar a vida, sabendo agir em casa no desempenho dos seus deveres, na sociedade nas relações com o público, na igreja na acção de evangelização, no ensino na escola dominical, na direcção dos diversos departamentos.

A enfermagem será também uma das instruções mais importantes para todas as Guias, que lhe poderá abrir as portas de actividades valiosas e torná-las aptas para a vida de família. As Guias mais velhas — as Cadetes — poderão e deverão ainda instruir-se nos problemas de puericultura.

Ficou propositadamente para o fim a actividade espiritual. Não existem actividades espirituais das guias. Uma companhia de guias não é uma confraria religiosa. Mas, notemos bem, toda a vida da Guia e toda a acção guidista tem um cunho acentuadamente espiritual. Não há actividade de uma Companhia de Guias que se não desenvolva num ambiente impregnado de vida espiritual, de cristianismo, de reverência para com Deus. A Guia é assim colocada num sistema de vida em que Jesus Cristo estará sempre presente. Tudo quanto for realizado será para O servir e nada será feito sem pedir a Sua orientação. Não admira pois que as guias iniciem os dias de acampamento com oração e da mesma forma os terminem. É neste mesmo espírito que se realiza o culto nas actividades de

(Conclui na página 15)

As Comemorações das «Bodas de Prata» do Grupo n.º 94

(Conclusão da página 8)

António Martins Coelho, que foram reforçar a Patrulha Água. Estes três escoteiros vieram da Divisão Lobito, onde prestaram já muito boas provas.

Insígnias de Classe

Os Escoteiros Joaquim Campos Belo, José Manuel da Silva Cardoso e Valdemar Peres da Silva receberam a insígnia de segunda classe. Muitos outros escoteiros receberam estrelas de serviço e outras insígnias e distintivos, índice do surto da actividade que o grupo atravessa.

Prémios do Concurso Inter-Patrulhas

As patrulhas que tomaram parte no concurso inter-patrulhas disputado entre o Grupo 8 e 94 receberam os prémios respeitantes às classificações obtidas. Os Guias e Subguias das patrulhas Falcão (8), Leão (94), Veado (94) e Tigre (8), formaram frente à mesa da presidência, tendo o Chefe Macedo apresentado felicitações pelos resultados obtidos, particularmente à patrulha Falcão que, muito bem arrebatou o primeiro prémio. Os prémios atribuídos foram: «Taça Bodas de Prata do 94», e os livros «Mais Além», «Sempre Pronto» e «Para Ser Escoteiro», respectivamente pela ordem de classificação.

Agradecimento

O Escoteiro-Chefe Macedo usou finalmente da palavra para expressar o seu agradecimento e do Grupo a todos aqueles que contribuiram para o brilho das comemorações do aniversário do Grupo 94, tendo-se referido especialmente à Direcção do simpático Grupo Desportivo A Académica da Ajuda, ao «Sempre Pronto» e à imprensa diária, particularmente ao «Diário de Lisboa», «Diário de Notícias», «Diário Popular», «Primeiro de Janeiro», «República» e «O Século», que deram o melhor acolhimento ao noticiário das actividades promovidas.

Fogo de Conselho

Seguiu-se a segunda parte do programa, que constou de um fogo de conselho que decorreu muito animado, tendo o grupo apresentado canções e diálogos, que mereceram aplausos demorados da numerosa assistência, que enchia o vasto recinto e até de vizinhos que acompanhavam a festa de suas janelas.

A meio do programa, o Grupo foi distinguido com a honrosa visita do Coronel R. M. Gold, Comissário Internacional dos Escoteiros da Grã-Bretanha, que se fazia acompanhar pelos srs. Manuel Lopes Peixoto e Vítor de Lima e Santos, respectivamente secretários das relações internacionais da A.E.P. e do C.N.E., e ainda da sr.ª D. Maria João Moniz Galvão, secretária do último.

O sr. Coronel Gold deixou no Livro de Ouro do Grupo a seguinte dedicatória: *Foi uma grande oportunidade para mim poder estar presente por uns curtos momentos nas comemorações da 25.º aniversário do Grupo 94. Felicito-vos pelos 25 anos de Escotismo e desejo felicidades para os próximos 25 anos! a) Rob. Gold.*

No final do fogo de conselho, o ilustre visitante dirigiu a palavra aos escoteiros saudando-os igualmente pelo aniversário comemorado.



Honrar a Pátria

— A Pátria honra-se de muitas maneiras, meu rapaz. Não é só nos campos de batalha que cumprimos o nosso dever...

— Pois não, senhor professor. — retorquiu Ernesto. — Muitos portugueses honraram a Pátria sem se terem batido.

— Cita lá um exemplo, Ernesto. — ordenou o professor.

— Santo António.

— Muito bem. Mas vou contar-te outro exemplo dum português que muito honrou Portugal sem ser nos campos de batalha. Já ouviste falar em Francisco Lázaro?

— Sim, senhor Professor. Há uma rua ali para o lado dos Anjos, salvo erro, que tem o seu nome...

— Pois aí é que está a errada maneira de ver as coisas. Nós não devemos conhecer as figuras históricas por ver o seu nome nas ruas. Deve ser justamente o contrário: quando passarmos numa rua, travessa, calçada ou praça e lemos um nome, devemos saber de quem se trata. Isto é, devias conhecer Francisco Lázaro, mesmo que não existisse uma rua com o seu nome... Ernesto ficou um tanto envergonhado com a observação do professor. Este perguntou, ainda:

— Sabes quem era Francisco Lázaro?

— Não, senhor professor. Devia ter sido figura importante porque há uma rua com o seu nome.

— Sim, mas é preciso observar que nem todos os portugueses que o merecem têm seus nomes na toponímia da cidade. Mas, vamos adiante. Francisco Lázaro nasceu em Lisboa em 1888. Era modesto operário carpinteiro e começou a ser conhecido em 1908, quando, ao estrear-se nas corridas, ganhou uma prova de vinte e quatro quilómetros — a maratona portuguesa. Alguns meses depois, alinhou noutra prova de fundo em estrada, alcançando segunda vitória. Em 1910, reapareceu, em excelente forma, ganhando novamente a Maratona, fazendo 42,800 km. em 2 horas, 57 minutos e 35 segundos.

— Não chegou a três horas! Era uma verdadeira flecha!

— Sem dúvida alguma! Depois dessas vitórias, tomou parte noutras provas, que também ganhou. Em Abril de 1912, Francisco Lázaro fez uma tentativa para melhorar o «record» mundial da meia hora, que Bonin estabeleceu com 9.721 metros.

— E conseguiu-o?

— Já vais ouvir. A prova foi realizada no Lumiar. O grande corredor percorreu apenas 8.829 metros, mas essa distância ficou constituindo um «record» nacional até 1929, isto é, muito depois da sua morte. Voltou à maratona nacional de 1912 e alcançou melhor tempo. Então, resolveu-se que ele tomasse parte na maratona olímpica de 1912...

— Corredor olímpico! Era a consagração da sua vida desportiva...

— Iria a Estocolmo honrar as cores da bandeira portuguesa. Em 26 de Junho, com os restantes portugueses da equipa, partiu para a Suécia, chegando a Estocolmo em 2 do mês seguinte. A corrida realizou-se em 14, com sol abrasador e atmosfera asfixiante. Os médicos propuseram o adiamento da maratona, mas não foram atendidos. E Francisco Lázaro correu...

— E ganhou?

— Aos 25 quilómetros seguia a pouca distância dos primeiros, mas perto dos 30 caiu fulminado por uma insolação. Transportado ao hospital, não deu acordo de si e faleceu...

— Faleceu? Pobre Francisco Lázaro!

— Parece que ele fora vítima da sua imprudência, pois, ao contrário do que lhe tinham aconselhado, correra de cabeça descoberta. O corpo ficou depositado numa igreja católica de Estocolmo. Dois meses depois, voltou para Portugal o corpo desse atleta que morreu, em plena actividade, honrando a sua, a nossa Pátria.

MANUEL FERREIRA

PÁGINA DO ESCOTEIRO

(Conclusão da página 5)

ou menos profundo, mas sempre grave, podendo mesmo atingir a vista.

De igual forma, *nunca será colocada tão baixa* que o escoteiro distraído possa nela tropeçar e cair, queda tanto mais grave se ele vier de corrida.

Aqui, como em tantas outras coisas, é no meio que está o lugar certo e prudente. A espia, ou cordel, será colocada a uma altura que apanhe sensìvelmente o peito dos escoteiros mais baixos.

Nunca esqueças esta regra muito importante para a segurança dos teus companheiros de patrulha e de ti próprio.

«O GUIDISMO — SUAS ACTIVIDADES»

(Conclusão da página 14)

campo e que se efectuam os cultos de acção de graças por ocasião dos aniversários.

* * *

Perdõem-me a extensão que dei ao meu trabalho. Procurei apenas mostrar quão variado é o material de que uma Companhia de Guias poderá dispor para a organização de um programa de actividades. A Guia Chefe deverá organizar os seus programas de forma atraente dando aos trabalhos um cunho agradável, evitando cair na rotina da repetição das mesmas coisas. A juventude carece de vida e o Guidismo terá de satisfazer essa necessidade para poder atrair a mocidade.

Devemos, pois, concluir:

1) O Guidismo constitui uma oportunidade excelente para a rapariga portuguesa, proporcionando-lhe ensejo para treino de aptidões e desenvolvimento de virtudes femininas;

2) O programa de actividades das guias abrange os mais variados campos, tais como técnica guidista, instrução de especialidades de grande interesse para a vida da rapariga, acção social e cultural, desportos, etc.

3) A Guia Chefe deverá organizar os seus programas de forma agradável, evitando cair na rotina pela constante repetição dos mesmos assuntos.

4) Uma companhia de guias não é uma confraria religiosa nem uma catequese ou escola dominical, mas toda a vida da Guia e toda a acção guidista terá sempre um cunho acentuadamente espiritual, impregnado de cristianismo, de reverência para com Deus.

Lisboa, 30 de Março de 1958.

JÚLIA GOMES PENA RIBEIRO

DOS AÇORES

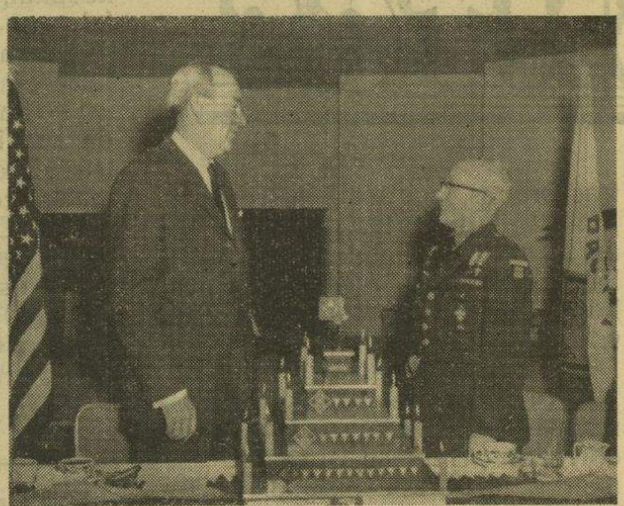
GRUPO N.º 52 — ANGRA DO HEROÍSMO

Comemoração do «Memorial Day»

A partir de 1868, os Estados Unidos da América designaram o dia 30 de Maio para prestar pública homenagem de gratidão aos soldados que perderam a vida em defesa da Pátria. Primitivamente instituído para honrar a memória dos soldados que caíram durante a guerra civil, foi depois o seu significado ampliado no sentido de abranger todos aqueles que se sacrificaram pelo bem comum. Ao "Memorial Day" poderemos chamar o Dia da Saudade.

Na Ilha Terceira, o destacamento americano das Lages comemorou este dia com duas cerimónias, uma militar e outra escoteira, de natureza particular.

A primeira realizou-se na Praia da Vitória com a presença de destacamentos das marinhas americana e portuguesa, escoteiros e guias (escoteiras) dos Grupos americanos das Lages, autoridades militares igualmente das duas nações. Estavam presentes diversos convidados civis e, entre estes, o Delegado do "Sempre Pronto" e Escoteiro-Chefe do Grupo 52, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva.



FESTA ANUAL DOS LOBITOS AMERICANOS

Depois do Chefe Kane ter solicitado a presença do Chefe Moniz Silva do 52, para lhe agradecer a boa colaboração prestada aos escoteiros americanos; ao voltar ao seu lugar, o Chefe Português é cumprimentado pelo Brigadeiro-General Dany, Comandante das Forças dos Estados Unidos nos Açores, que o felicita pela sua acção em prol do Movimento Escotista, e com quem conversa cordialmente.

A segunda cerimónia teve um carácter íntimo e realizou-se no Cemitério dos Ingleses, tendo sido promovida pela Secção Escoteira do agrupamento americano das Lages, tendo sido prestada sentida homenagem aos membros da Comunidade Britânica e de outras nações aliadas que perderam a vida nos Açores durante a segunda guerra mundial.

Os Escoteiros concentraram-se à porta do cemitério formando alas. Ao fundo, encontravam-se as bandeiras nacionais portuguesa e americana, empunhadas por escoteiros das respectivas nacionalidades, e os estandartes do Grupo 52 e do Grupo 1 das Lajes (americano). Estavam presentes os dirigentes dos dois grupos, o sr. Herbert Reginald Pearce, representando o Cônsul Britânico, e o Capelão americano Rev. Capitão Copeland, que a dada altura fez a invocação dos mortos e pôs em relevo a actuação daqueles que se bateram pela causa da Paz e das Nações Unidas, terminando com uma oração que todos escutaram com recolhimento.

Por fim, o Sargento Meck fez a chamada dos mortos e, alternadamente, um escoteiro americano e um português saía da formatura e colocava uma pequena bandeira inglesa na campa respectiva, perfilando-se em respeitosa saudação.

O Chefe Moniz Silva, a seu pedido, prestou homenagem junto à campa do que em vida foi seu amigo pessoal, o Sargento T. A. Stead, dos Royal Engineers, um dos primeiros ingleses a morrer nos Açores.

Terminada esta cerimónia os escoteiros portugueses foram convidados para almoçar no Clube dos Sargentos do Destacamento Americano, tendo no fim visitado as diversas instalações da Base.

Diversas Notícias

Os Aspirantes Americanos acamparam de 2 para 3 e de 16 para 17 de Maio no Monte Brasil. O Chefe Moniz Silva encarregou-se das formalidades e prestou assistência aos campistas.

A Patrulha "Galo" bivacou e acampou em S. Diogo nos dias 3 de Maio e 30 e 31 do mesmo mês, respectivamente.

A Patrulha "Andorinha" acampou no Caminho de Cima do Farol em 16 e 17 de Maio e bivacou em 14 de Junho.

A Equipa "Infante D. Henrique", recentemente constituída, realizou um acampamento de estudo no Monte Brasil em 3 e 4 de Julho, com a comparência de alguns Guias de Patrulha tendo trocado impressões acerca de futuras actividades de conjunto.

Mediante convinte que lhe foi endereçado, o Grupo fez-se representar na solene e tradicional Procissão do Corpo de Deus, em 28 de Maio, pelo Escoteiro-Chefe e uma deputação de Escoteiros e Caminheiros, com o seu estandarte.

O Grupo 52 foi convidado a assistir às Promessas Solenes dos seus irmãos do C.N. E. da Vila da Praia da Vitória, que se realizaram na histórica Matriz, seguidas de missa, em 31 de Maio. Os Escoteiros de Portugal estiveram representados pelo Escoteiro-Chefe Moniz Silva, dois Escoteiros e dois Caminheiros.

Findas as cerimónias religiosas, realizou-se na sede do Agrupamento 23 uma reunião de confraternização.

A convite do Rev. Pároco da freguesia de S. Pedro de Angra, uma representação de Escoteiros do Grupo fez a guarda de honra na igreja paroquial durante as festas ali realizadas no domingo, dia 7 de Junho.

Dia de Portugal

No dia 10 de Junho e em comemoração do Dia da Raça, o Chefe Moniz Silva proferiu uma palestra ao microfone do Rádio Clube de Angra, dirigida aos Escoteiros, sobre a história da bandeira nacional.

À noite, na sede do Grupo, a palestra foi repetida numa reunião destinada aos escoteiros que a não tinham podido escutar. Houve apresentação de novos aspirantes e duma nova equipa de caminheiros dirigida por Ludgero Moreira. Foram distribuídas estrelas de serviço, entoadas canções, ratificado o Compromisso de Honra, terminando a reunião com o hino nacional.

Antigos Escoteiros

Nos jogos florais realizados por ocasião das festas desta cidade, foram premiados dois antigos escoteiros deste grupo, os srs. Augusto Gomes da Silva, 1.º prémio «conto»; e Eduardo F. Gomes da Silva, 1.º prémio «Teatro», para quem vão as nossas melhores felicitações.

Ciência e Paciência

PROBLEMA DIFÍCIL N.º 7

Um viajante engenhoso

Um viajante ao hospedar-se num hotel por 23 dias verificou que se tinha esquecido da bolsa. Combinou com o hospedeiro pagar-lhe mais tarde, quando voltasse a passar por aquela terra. Entretanto, como tinha com ele uma grossa corrente de ouro aberta com 23 anéis, entregar-lhe-ia como penhor um anel em cada dia. O hospedeiro fez-lhe sentir a inconveniência de cortar tantos anéis, mas o viajante reflectiu um momento e disse-lhe: Meu amigo, terá em cada dia a sua conta e bastarme-á cortar sòmente ... anéis. Qual é o mínimo de anéis que o viajante terá de cortar?

Solução do Problema n.º 6

Se utilizássemos só cavalos, só éguas ou só burros, precisávamos respectivamente, de 5, 10 e 30 animais, que somados dá 45 ou seja o triplo dos animais utilizados, que eram 15. Dividindo por três cada uma destas quantidades, teremos 1 cavalo, 3 éguas e 10 burros, que transportariam respectivamente 3, 4,5 e 5 alqueires, faltando portanto um animal e 2,5 alqueires a transportar. Como 1 cavalo ou 2 éguas transportam 3 alqueires, obtê-los-emos diminuindo um burro que transporta 1/2 alqueire. Finalmente obtemos:

1 cavalo	que transporta	3	alqueir.
5 éguas	» »	7,5	»
9 burros	» »	4,5	»
Total 15 animais e		15	alqueir.

Enviaram-nos a solução certa deste problema os nossos dedicados leitores srs. António Amêndoa, de Lisboa; José Manuel de Jesus Fernandes, de V. R. de St.º António, que, juntamente com o Autor, o sr. José Alberto Figueira Guerreiro, marcaram os 5 pontos regulamentares a contar para o nosso Concurso de 1959.

Enrique Genovés Guillen

Este nosso querido amigo e dedicado representante do "Sempre Pronto" em Madrid, membro da simpática Equipa de Caminhos "Lobo Gris", acaba de publicar um valioso Manual de Campismo, obra em que se manifesta o alto nível de conhecimentos da modalidade atingido pelo Autor.

A obra intitula-se "Tecnica y Espiritu del Camping", tem páginas profusamente ilustradas pelo Autor, foi editada pela Editorial Hispano-Europea, de Barcelona, e é prefaciada pelo nosso estimado amigo Capitão Víctor José Jiménez Malo de Molina.

Felicitamos Enrique Genovés pelo seu notável labor literário, que não exclui uma intensa actividade dedicada à vida ao ar livre e à educação da mocidade.

Este número foi visado pela Comissão de Censura